



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Isabela Francisco

Vírgulas em esquema simples:

usos em textos narrativos

São José do Rio Preto
2024

Isabela Francisco

Vírgulas em esquema simples:

usos em textos narrativos

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: PROEX – número de processo:
88887.706675/2022-00
CAPES

Orientador: Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto
2024

F819v Francisco, Isabela
Vírgulas em esquema simples : usos em textos narrativos /
Isabela Francisco. -- São José do Rio Preto, 2024
84 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências
Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Luciani Ester Tenani

1. Linguística. 2. Vírgula. 3. Ensino Fundamental II. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José
do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Isabela Francisco

Vírgulas em esquema simples: usos em textos narrativos

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: PROEX – número de processo:
88887.706675/2022-00
CAPES

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Cristiane Carneiro Capristano
UEM – Maringá

Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida Kailer
UEL – Londrina

São José do Rio Preto
26 de fevereiro de 2024

*Com todo o meu amor:
a meus pais, Sidney e Elaine, à minha
irmã, Ana Júlia, e a meu companheiro
Ewerton.*

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento de um trabalho acadêmico pode, superficialmente, parecer um ato totalmente individual. Porém, a troca de experiências com o outro é muito importante para a concretização de uma tarefa como esta. A entrega de um trabalho de qualidade é pautada na relação com pessoas especiais, nas quais eu admiro, confio e respeito. Ao longo desse processo, vivenciei momentos inesquecíveis com pessoas que fizeram com que eu me desenvolvesse não só profissionalmente, mas que me fizeram uma pessoa melhor. Essas pessoas, essenciais nesse processo, incentivaram essa conquista, tornando esse percurso prazeroso e gratificante. Por isso, quero agradecer às pessoas que me proporcionaram essa experiência incrível.

Inicialmente, faço um agradecimento especial à minha professora e orientadora Luciani Ester Tenani, pois sem sua ajuda e incentivo, a realização desse trabalho não seria possível. Desde nossa primeira conversa, quando me interessei pela pontuação e me simpatizei com pessoa que é, fui bem acolhida. Agradeço pela paciência, dedicação e ensinamentos ao longo de todo o percurso; por ter sido não somente uma excelente orientadora, mas por ter exercido um papel que, muitas vezes, nem lhe cabia: uma conselheira e incentivadora. Ela me auxiliou e deu forças para enfrentar todas as inseguranças trazidas ao longo de minha vida, tanto pessoais, quanto profissionais. Admiro muito não só a caminhada profissional dela, mas a vejo como um exemplo de pessoa a ser seguido. Sou muito grata por ter confiado no meu potencial e por sempre se preocupar em oferecer a mim uma formação de qualidade. Tenho, pela Luciani, um carinho muito especial. Ela fez parte de uma etapa muito importante de minha vida.

Agradeço, também, a professores que, em diferentes momentos, fizeram parte de minha formação e contribuíram significativamente para a realização deste trabalho: à professora Flaviane Svartman, que se dispôs a contribuir com a melhoria do recorte da pesquisa desde a apresentação no Simpósio do 69º Seminário do GEL; à professora Cristiane Carneiro Capristano, que tem acompanhado este trabalho desde o debate no XV SELIN e, com sua leitura criteriosa, contribuído com colocações muito pertinentes para a melhoria do texto; à professora Dircel Kailer, que aceitou ser membro titular da banca de qualificação e de defesa, contribuindo com o aperfeiçoamento desta dissertação; à professora Fabiana Cristina Komesu por ter oferecido uma disciplina optativa que foi muito importante para o desenvolvimento de minha pesquisa e por ter aceito prontamente o convite para ser suplente da minha banca de defesa; à professora Geovana Soncin, que aceitou ser membro suplente da banca de defesa.

Faço um agradecimento especial à Tainan Carvalho e à Geovani Soncin pelo simples fato de um dia, quando ainda na graduação, haver participado de um minicurso oferecido por

elas na Semana de Letras; foi, nesse dia, que me encantei com a possibilidade de estudar sobre vírgulas. Obrigada, Tainan e Geovana, pelo exemplo de pessoas e pesquisadoras que são e por terem despertado, em mim, o desejo de aprender cada vez mais e a desenvolver um trabalho tão reconhecido como o de vocês.

Estendo meus agradecimentos também a demais amigos que a pós-graduação me proporcionou e que compartilharam esse percurso comigo: à Lorraine, por, em pouco tempo, ter se tornado tão próxima, a ponto de partilhar todas as dificuldades, inseguranças e medos, mas, também, por estar sempre pronta a ajudar, não medir esforços para me auxiliar em todas as questões, e sempre dizer as palavras certas quando mais precisei de incentivo; à Amanda, pela gentileza em pessoa e por todo carinho e apoio demonstrado durante esse processo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço, pelo auxílio financeiro durante o período de desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço, maiormente, a Deus, por ter me sustentado até aqui, por ter me dado forças para enfrentar os desafios diários e pelas bençãos infinitas em minha vida. Todos os meus sonhos e projetos foram entregues a Ele, e, no tempo certo, foram honrados e todas as promessas em minha vida foram cumpridas.

Meus agradecimentos finais são para aqueles que sempre estão comigo, independentemente de qualquer situação: minha família. Meu muito obrigada aos meus pais, Sidney e Elaine, exemplos de luta e vontade de vencer. Sem eles, essa conquista não seria possível. Agradeço por todos os ensinamentos que me deram ao longo da vida, por terem acreditado no meu potencial e por terem apoiado todas as minhas escolhas. Sou grata por todo incentivo e por fazerem com que eu não desistisse do meu sonho, sempre me encorajando a ir além e mostrando o quanto sou capaz. Reconheço todo o esforço e tudo o que fizeram para garantir o melhor para mim. É uma honra ser filha de vocês e poder partilhar realizações inesquecíveis como esta. É em vocês que encontro forças para não desistir, e, apesar dos inúmeros desafios, seguir em frente. Obrigada por todo apoio! Essa conquista é para vocês!

À minha irmã, Ana Júlia, agradeço pela sensibilidade e preocupação comigo. Sempre apoiou todas as decisões tomadas durante o percurso profissional e incentivou a sempre ir em busca dos meus sonhos, reforçando que eu seria capaz de conquistar tudo o que desejava. Agradeço por estar ao meu lado, independentemente de qualquer situação, compartilhando momentos que ficarão para sempre em minha memória. Sou grata por sua doação intensa pela nossa família, por sempre nos colocar como prioridade em sua vida. Obrigada por ser uma

grande incentivadora e um exemplo de pessoa para mim, com um coração imenso! Obrigada por estar por perto e por todo o apoio. Você também faz parte desta conquista!

Finalmente, agradeço ao meu companheiro Ewerton pelo incentivo em dar continuidade à minha carreira profissional. Obrigada por todo o apoio durante o processo de desenvolvimento deste trabalho e por me mostrar que é possível alcançar grandes objetivos através de muito estudo e determinação. Sou grata por todos os ensinamentos e por estar me auxiliando no crescimento pessoal e profissional. Você é meu exemplo de determinação! Agradeço a Deus pela nossa história e por poder compartilhar a vida ao seu lado.

RESUMO

Este trabalho objetiva descrever e analisar os usos convencionais e não convencionais de vírgulas em esquema simples em textos de tipologia narrativa escritos por alunos no primeiro ano e no último ano letivo do Ensino Fundamental II (EF II), em uma escola pública do interior paulista. Por meio de um levantamento quantitativo de estruturas sintáticas em que vírgulas são ou deveriam ter sido usadas, investiga-se, em textos de tipologia narrativa, se os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típica de enunciados falados. A proposta deste estudo justifica-se pela complexidade do emprego desse sinal de pontuação, haja vista a falta de consenso entre gramáticas sobre as regras de seu uso, por um lado, e por proporcionar diversas interpretações sobre o estabelecimento da relação entre a fala e a escrita. Assumimos uma visão que vê a relação entre fala e escrita de modo mais complexo do que aquela que toma esses modos de enunciação com base em sua materialidade fônica e gráfica, respectivamente. Adotamos a visão segundo a qual fala e escrita são modos de enunciação que se constituem por práticas orais e letradas. Diante dessa complexidade, investigamos a presença e a ausência da vírgula em uma amostra semi-longitudinal de textos escritos por alunos do EF II. Esta pesquisa assume a hipótese de que os usos de vírgulas em esquema simples em textos narrativos sinalizam aspectos prosódicos dos enunciados falados, isto é, de que os alunos do EF II empregam vírgulas com funções não só sintáticas, mas com funções de representar características dos enunciados falados. Com base nos resultados obtidos, há evidências de que o emprego convencional da vírgula aumenta na etapa final do EF II (9º ano) e as funções de seus usos também. Em relação à hipótese, foram encontradas evidências de que a organização prosódica dos enunciados tem relação com o emprego de vírgulas em esquema simples. A extensão de determinadas estruturas somada à possibilidade de coincidência entre funções semântico-pragmática da vírgula com fronteiras prosódicas motiva o emprego (convencional ou não convencional) do sinal de pontuação em questão.

Palavras-chave: Vírgula. Língua Portuguesa. Linguística. Ensino Fundamental II.

ABSTRACT

The aim of this paper is to describe and analyze the conventional and unconventional uses of commas in a simple scheme in narrative texts written by students in the first and last years of Elementary School II (EF II) in a public school in the interior of São Paulo. By means of a quantitative survey of syntactic structures in which commas are or should have been used, we investigate whether the use of commas in narrative texts, in addition to guiding the functioning of the syntactic structure, can signal the delimitation of prosodic boundaries, typical of spoken utterances. The purpose of this study is justified by the complexity of using this punctuation mark, given the lack of consensus among grammarians on the rules of its use, on the one hand, and by the fact that it provides different interpretations on the establishment of the relationship between speech and writing. We take a view that sees the relationship between speech and writing in a more complex way than that which takes these linguistic modalities on the basis of their phonic and graphic materiality, respectively. We adopt the view that speech and writing are modes of enunciation that are constituted by oral and literate practices. In view of this complexity, we investigated the presence and absence of commas in a semi-longitudinal sample of texts written by secondary school students. This research assumes the hypothesis that the use of commas in a simple scheme in narrative texts signals prosodic aspects of spoken utterances, i.e. that E2 students use commas not only syntactically, but also to represent characteristics of spoken utterances. Based on the results obtained, there is evidence that the conventional use of commas increases in the final stage of secondary education (9th grade) and so do the functions of their use. In relation to the hypothesis, evidence was found that the prosodic organization of utterances is related to the use of commas in simple schemes. The length of certain structures, together with the possibility of the semantic-pragmatic functions of the comma coinciding with prosodic boundaries, motivates the use (conventional or unconventional) of the punctuation mark in question.

Keywords: Comma. Portuguese language. Linguistics. Elementary School II.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hierarquia prosódica proposta do modelo da Fonologia Prosódica (TENANI, 2021, p. 71).....	31
Figura 2 – Exemplo de dado excluído da análise.....	47
Figura 3 – Exemplo de dado excluído da análise.....	47
Figura 4 – Exemplo de estruturas sintáticas identificadas.....	49
Figura 5 – Exemplo de fronteira prosódica de I.....	50
Figura 6 – Exemplo de fronteira prosódica de ϕ	50
Figura 7 – Uso convencional da vírgula em fronteira de frase entoacional (I).....	51
Figura 8 – Exemplo de uso convencional de vírgula pela presença.....	55
Figura 9 – Exemplo de uso convencional de vírgula pela presença.....	55
Figura 10 – Exemplo de uso não convencional de vírgula pela ausência.....	56
Figura 11 – Exemplo de uso convencional de vírgula.....	56
Figura 12 – Exemplo de uso convencional de vírgula.....	56
Figura 13 – Exemplo de uso convencional de vírgula.....	56
Figura 14 – Exemplo de uso não convencional de vírgula pela ausência.....	56
Figura 15 – Exemplo de uso não convencional de vírgula pela ausência.....	57
Figura 16 – Exemplo de uso não convencional de vírgula pela presença.....	59
Figura 17 – Exemplo de uso não convencional de vírgula pela presença.....	59
Figura 18 – Uso não convencional de vírgula em esquema simples.....	63
Figura 19 – Uso não convencional de vírgula em esquema simples.....	63
Figura 20 – Uso convencional de vírgula em esquema simples.....	64
Figura 21 – Uso convencional de vírgula em esquema simples.....	64
Figura 22 – Uso não convencional de vírgula em esquema simples.....	65
Figura 23 – Uso não convencional de vírgula em esquema simples.....	65
Figura 24 – Uso convencional de vírgula.....	65
Figura 25 – Quadro sinóptico do conjunto de trabalhos da mesma linha de pesquisa.....	76
 Quadro 1 – Lista de projetos de iniciação científica, mestrado e doutorado realizados a partir do Banco de Dados de Escrita do EF II.....	 36
Quadro 2 – Possibilidades de usos da vírgula.....	43
Quadro 3 – Classificação dos dados de vírgula em esquema simples.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de vírgula convencionais e não convencionais por ano letivo.....	52
Tabela 2 – Usos de vírgula por ano letivo.....	54
Tabela 3 – Vírgulas não convencionais por presença por ano letivo.....	53
Tabela 4 – Fronteiras prosódicas de usos convencionais e não convencionais (ausência/presença) de vírgulas em esquema simples em textos do EF II.....	61

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Perspectivas de análise da vírgula.....	19
2.2 A vírgula nos textos do Ensino Fundamental II.....	23
2.3 Uma perspectiva fonológica da prosódia.....	30
3 MATERIAL E MÉTODO	36
3.1 Visão geral dos estudos sobre usos de vírgula no EF II.....	36
3.2 Características do Banco de Dados de Escrita do EF II.....	38
3.3 Natureza do material de análise	39
3.4 Caracterização da tipologia textual	40
3.5 Delimitação do objeto de análise	42
3.6 Definição de características da vírgula.....	45
3.7 Passos metodológicos adotados na análise das vírgulas.....	47
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	51
4.1 Características semi-longitudinais e prosódicas da vírgula: aspectos gerais.....	52
4.2 Complexidade sintática dos dados	64
4.3 Vírgulas e complexidade prosódica	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS.....	80

1 APRESENTAÇÃO

Em um dos principais planos de ação global para atingir o desenvolvimento sustentável do país (Agenda da ONU, 2030), encontra-se o objetivo de garantir educação inclusiva e de qualidade, e de proporcionar oportunidades de aprendizagem para todos. O objetivo específico para que haja alfabetização e aprendizagem de conteúdos propostos com intuito de garantir o exercício da cidadania nas principais esferas sociais é considerado relevante para o plano. No entanto, de acordo com esse documento da UNESCO, há uma lacuna na aprendizagem dos alunos que chegam ao final do Ensino Fundamental II (EF II).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), para o desenvolvimento de práticas de escrita e produções de textos, os sinais de pontuação, em especial a vírgula, é um dos tópicos do conteúdo programático importante para o ensino da segunda etapa da educação básica. Nesse cenário de importância dos sinais de pontuação para o desenvolvimento de práticas escritas, esta dissertação assume que a vírgula apresenta um uso complexo, que vai além do tratamento tradicional baseado em regras gramaticais. Somado a esse cenário, estudos anteriores, como os trabalhos de Araújo-Chiuchi (2012), Soncin (2014), Carvalho (2019), Paiva (2021) e Camillo (2023), também amparam esta dissertação que busca avançar na caracterização de usos desse sinal de pontuação em textos escolares do EF II.

Esse conjunto de motivações se soma a motivação, de ordem pessoal, nascida durante minha formação em Licenciatura em Letras ao entrar em contato com o projeto “Efeitos do fraseamento prosódico em textos do Ensino Fundamental”, desenvolvido pela orientadora desta dissertação. Observando o leque de estudos para a escolha da primeira iniciação científica, chamou a minha atenção o conjunto de pesquisas que analisava a relação entre a fala e a escrita realizadas a partir dos sinais de pontuação.

Em abordagens que podem ser encontradas em livros sobre os sinais de pontuação com fins didáticos, como “A vírgula” (Luft, 2002) e em textos, como “Só vírgula: método fácil em vinte lições” (Piacentini, 2022), que trazem dizeres como “o guia definitivo de uso da vírgula”, “como usar a vírgula com quatro regras simples”, há uma sistematização de regras de uso de vírgulas cujo pressuposto é a sua caracterização com base nas estruturas sintáticas. Nessas perspectivas, também, há uma visão segundo a qual ocorre uma relação direta entre escrita e fala, na qual a pausa, de natureza fônica, é representada na escrita, de natureza gráfica, pelo sinal de vírgula, quando pausa breve, ou ponto quando pausa longa. Nessas visões simplificadas sobre os sinais de pontuação, a vírgula é vista apenas como um sinal gráfico a ser empregado

em textos escritos conforme regras gramaticais e que, por representar, na escrita, características da fala, orienta a leitura e, assim, garante a compreensão dos textos.

Nas escolas, o ensino sobre os sinais de pontuação focaliza, predominantemente, o sistema de regras da gramática normativa sobre vírgulas, considerando o critério predominantemente sintático, como encontrado no livro didático “Tecendo Linguagens: língua portuguesa: 9º ano (Oliveira e Araújo, 2018). De acordo com Carvalho (2019), nesse mesmo contexto também emerge o discurso de que a vírgula corresponderia a uma pausa para respirar. Desse modo, os alunos ficam sujeitos a distintos dizeres sobre o uso desse sinal de pontuação, já que no ambiente escolar ora emerge o discurso de que o emprego de vírgula deve seguir as regras sintáticas, ora que deve corresponder a pausa para respirar. Ainda de acordo com a autora, a alternância de ênfase entre o aspecto fônico e o aspecto sintático da pontuação resulta em pressuposições negativas para o processo de ensino, já que esses dizeres intensificam, de maneira pouco articulada ou explícita ao estudante, a complexidade do emprego da vírgula. Por hipótese, na aplicação desse sinal de pontuação, há um confronto, por parte dos alunos, entre seguir as regras sintáticas ou considerar a vírgula como pausa. Esse confronto pode resultar nos chamados “erros” de pontuação.

Por conta da problemática dessa contradição, fica evidente que as abordagens adotadas para o ensino de vírgulas em contexto escolar não são suficientes para esclarecer as funcionalidades das vírgulas, devido ao uso ser guiado predominantemente pela delimitação de fronteiras de estruturas sintáticas, mas, também, por deixar de explicitar que há relação com outros domínios da língua, na linha do que propõe Chacon (1998).

Feitas essas ponderações ao analisar os chamados “erros” de pontuação, é preciso adotar um outro olhar ou uma outra maneira de analisar os usos das vírgulas. Consideramos a hipótese de que os alunos, muitas vezes, para dar ênfase em alguma informação deixam de lado as regras sintáticas e seguem outros critérios, baseados na fala, ou com a intenção de transmitir algo a um determinado leitor, por exemplo, para organizar o texto. Sendo assim, a escrita dos alunos evidencia usos mais complexos, que vão além do tratamento tradicional ou de uma simples relação direta entre o gráfico e o fônico da língua.

De acordo com Dahlet (2006), a vírgula, em relação aos demais sinais de pontuação, configura-se como o sinal mais complexo, e o trabalho de Carvalho (2019) comprova essa complexidade. Ainda de acordo com a autora, a ausência de consenso entre gramáticos e estudiosos da língua sobre as regras de usos de vírgulas em determinadas estruturas sintáticas evidencia a complexidade de emprego desse sinal de pontuação.

Além de não haver consenso quanto aos usos, o funcionamento da vírgula é variável, podendo atuar tanto em esquema simples simples (/ , /), como em “Chegando no hospital, o médico atendeu a moça rapidamente [...], quanto em esquema duplo (/ , /), como em “ninguém o reconhecia, só uma pessoa, Juliana, o que seria sua antiga namorada”, nos termos de Dahlet (2006). Nesta dissertação, restringimos o estudo aos usos da vírgula em esquema simples. Essa escolha se deve ao fato de haver pesquisas nas quais se descreveram os usos das vírgulas em esquema duplo no EF II, como (Paiva, 2021; Camillo, 2023), mas haver um menor número de pesquisas sobre as vírgulas em esquema simples a partir do mesmo conjunto de textos do EF II (Araújo-Chiuchi, 2012; Carvalho, 2019). A vírgula, segundo Dahlet (2006), pode ser considerada um sinal instável e de maior complexidade sintático-semântica em comparação com os demais sinais de pontuação. No caso da vírgula em esquema simples, Dahlet (2006) o caracteriza como um sinal sequencial que delimita o *continuum* da escrita em blocos textuais de extensão variável.

Em relação à concepção sobre a vírgula, Esval (2005) considera que sua principal função seja a enunciativa. De acordo com a autora, no emprego da vírgula, há uma correspondência que representa a relação do escrevente com o outro e com o seu enunciador. Por meio do uso desse sinal de pontuação, o escrevente mostra-se autor de seu enunciado, como uma espécie de assinatura do próprio texto. Sendo assim, as vírgulas são interpretadas como pistas linguísticas por meio das quais o escrevente apresenta-se como sujeito que pode intervir na constituição de sua própria escrita. Ainda de acordo com Esval (2005), ao empregar a vírgula nos enunciados, o escrevente marca expressa formas de diálogo com o seu leitor que podem apresentar sob aspectos prosódicos, sintáticos e semânticos. Embasada nessa perspectiva, a autora considera que essa função enunciativa da vírgula promove a associação entre os diferentes aspectos da linguagem.

Nesta dissertação, para abordarmos o emprego de vírgula em esquema simples, descreveremos os fatores linguísticos de natureza sintática e prosódica que motivam os usos e não usos desse sinal de pontuação, assumindo uma visão que enxerga a relação entre fala e escrita de modo mais complexo do que aquela que toma esses modos de enunciação com base em sua materialidade fônica e gráfica, respectivamente. A abordagem, que explicitaremos na seção 2.1, sobre a relação entre fala e escrita, permite lançar o olhar não apenas a fatores sintáticos, mas também os prosódicos, para explicar o que leva parte dos alunos a empregar ou a deixar de empregar a vírgula (seja ou não convencionalmente).

Considerando a importância de se enfrentar a problemática da contradição entre as abordagens veiculadas no contexto escolar, nesta dissertação, trataremos de um dos principais

desafios para o ensino de Língua Portuguesa que é o emprego de vírgula. Restringimos a perspectiva dos usos e não usos de vírgulas a textos do Ensino Fundamental II, buscando descrever as principais motivações linguísticas que podem explicitar a falta ou o emprego de vírgulas (seja ou não convencionalmente) em textos escritos por alunos da segunda etapa da educação básica. Espera-se que esse estudo contribua, de alguma maneira, com possíveis reflexões sobre o ensino de pontuação no Brasil, a fim de haver modificações em relação ao ensino da pontuação, e, conseqüentemente, direcionar os estudantes à promoção do aprendizado de usos de vírgulas associados a práticas de escrita.

Nesta dissertação, a identificação das motivações linguísticas, que não se limitam a aspectos sintáticos, subjacentes aos usos da vírgula, contribuirá com resultados que possam explicitar o que levam parte dos alunos a empregar a vírgula (seja ou não convencionalmente) ao longo de suas trajetórias de produção escrita no EF II. Por meio da análise (semi-longitudinal) de vírgulas em esquema simples em textos de tipologia narrativa escritos pelos mesmos alunos do sexto e do nono ano do EF II, em momentos distintos de sua formação, avançamos nos estudos sobre esse complexo sinal de pontuação. Assim sendo, por propor, nesta pesquisa, a análise do emprego de vírgulas em esquema simples de modo contrastivo, diferenciando-nos de trabalhos já desenvolvidos (Araújo-Chiuchi, 2012), por exemplo, sobre essa tipologia textual. Pretendemos avançar nos estudos sobre esse complexo sinal de pontuação por realizar a análise de modo comparativo entre dois momentos da formação do aluno. Deste modo, destacamos que, nesta pesquisa, objetiva-se, principalmente, avançar em relação aos estudos anteriores ao propor a descrição de tendências e as possíveis motivações do emprego de vírgulas em esquema simples na tipologia narrativa.

O avanço nos estudos sobre o sinal de pontuação em questão apresenta uma contribuição científica para o conjunto de estudos realizados pelo grupo que investiga, há mais de dez anos, a pontuação, em especial da vírgula, em textos do EF II. Além do fato de o estudo ser amparado em trabalhos já desenvolvidos sobre o tema, sob a mesma orientação teórico-metodológica, esta dissertação contribui a compor um quadro geral sobre o funcionamento dos usos da vírgula ao selecionar textos de tipologia narrativa, ampliando, assim, a caracterização de fenômenos linguísticos observados nos textos do EF II e, por essa característica, também pode ser considerado um trabalho inédito. A contribuição deste trabalho no conjunto dos estudos realizados e para a linha de pesquisa, e, conseqüentemente, para o entendimento do funcionamento da linguagem de modo amplo, adiante, apresentaremos um quadro sinóptico que sumariza o conjunto de estudos sobre a vírgula.

Nesta pesquisa, amparados nos estudos de Araújo-Chiuchi (2012), Soncin (2014) e Carvalho (2019), investigaremos se, em textos de tipologia narrativa, os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típica de enunciados falados. De modo amplo, em relação aos estudos de Araújo-Chiuchi (2012), Soncin (2014), Carvalho (2019), Paiva (2021) e Camillo (2023), propomos ampliar a discussão sobre a relação entre pontuação e prosódia.

O objetivo geral desta pesquisa se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

i) Identificar e descrever os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema simples nos textos narrativos.

ii) Identificar as principais estruturas sintáticas, reconhecidas pelo aluno, que requerem o emprego da vírgula em esquema simples.

iii) Identificar a relação entre as estruturas sintáticas e os constituintes prosódicos a partir dos usos da vírgula em esquema simples.

iv) A partir do contraste entre os dados de vírgulas do ano inicial (6º ano) e os dados de vírgulas do ano final do EF II (9º ano), investigar para quais estruturas linguísticas os usos se alteram ou permanecem os mesmos, de modo a verificar tendências desses usos.

Por meio desses objetivos específicos, buscamos responder à seguinte pergunta de pesquisa: i) quais são as tendências de usos de vírgulas em esquema simples em textos de tipologia narrativa escritos pelos mesmos alunos que produziram textos no início e no fim do ensino fundamental II?

Para a realização desta pesquisa, foi selecionada uma amostra semi-longitudinal de 174 textos do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Tenani, 2015) produzidos por alunos de 11 anos no ano de 2008, e pelos mesmos alunos, já com 14 anos, no ano de 2011. Esses textos foram produzidos a partir de duas propostas (uma na 5ª série, hoje, 6º ano; e outra na 8ª série, hoje, 9º ano) do EF II, a saber: “Rompimento amoroso” e “Aventura em terra distante”. As propostas pertenciam à mesma tipologia textual: narrativa, um dos tópicos do conteúdo programático para tais anos letivos, como previa a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008). Para a investigação, três possibilidades de emprego da vírgula, intituladas como “usos convencionais”, “usos não convencionais por ausência” e “usos não convencionais por presença”, foram consideradas neste trabalho.

No que diz respeito ao desenvolvimento da pesquisa, adotamos procedimentos quantitativos e qualitativos de análise com o propósito de obter respostas aos objetivos estabelecidos. Para a análise de viés quantitativo, os usos convencionais e não convencionais de vírgulas em esquema simples foram identificados com base na Moderna Gramática

Portuguesa (Bechara, 1999), gramática de referência adotada neste trabalho. Em seguida, os dados foram classificados em categorias “convencional” e “não convencional”, e as estruturas sintáticas em que os usos se verificam foram identificadas. Esse processo resultou em evidências sobre o funcionamento da vírgula em dois momentos distintos da formação dos alunos no que tange ao aspecto sintático. Já para a análise de viés qualitativo, ancoramos-nos no modelo da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (2007). Com amparo nesse estudo, as fronteiras de domínios prosódicos dos dados foram definidas, e, assim, pode-se relacioná-las ao emprego convencional ou não convencional de vírgulas em esquema simples.

Esta pesquisa organiza-se em quatro capítulos, que serão apresentados, a seguir, a fim de fornecer um panorama da estruturação adotada. No capítulo 1, tratamos dos pontos de vista teóricos mobilizados para a fundamentação deste trabalho. Discutimos os usos de vírgula em esquema simples em textos do Ensino Fundamental II, a partir de estudos já desenvolvidos (Araujo-Chiuchi, 2012; Carvalho, 2019) e adotamos as perspectivas da relação entre pontuação e escrita com base nas noções da multidimensionalidade da pontuação (Chacon, 1998) e da heterogeneidade da escrita (Corrêa, 2004). Em seguida, para estabelecer relação entre pontuação e prosódia, adotamos as noções sobre prosódia mobilizadas pela teoria da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986).

No capítulo 2, caracterizamos o Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, do qual extraímos a amostra de textos e apresentamos os critérios de seleção adotados para delimitação do material de análise desta pesquisa. Em seguida, expomos a natureza dos textos selecionados e caracterizamos a tipologia textual, a fim de elencar os critérios utilizados para a delimitação do material que compõe o corpus. Exploramos, também, neste capítulo, as características do sinal de pontuação vírgula, a fim de mostrar a complexidade do objeto linguístico desta pesquisa. Por fim, apresentamos os passos metodológicos adotados, ao longo da pesquisa, para a realização da análise dos dados.

O capítulo 3 é designado à análise linguística dos dados. Procuramos investigar se em textos de tipologia narrativa os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típica de enunciados falados. Buscamos identificar as principais estruturas sintáticas, reconhecidas pelo aluno, que requerem o emprego da vírgula em esquema simples. Além disso, a partir do contraste entre os dados de vírgulas do ano inicial (6º ano) e os dados de vírgulas do ano final do EF II (9º ano), procuramos investigar em quais estruturas linguísticas os usos se alteram ou permanecem os mesmos, de modo a verificar tendências desses usos.

Por fim, no capítulo 4, retomamos alguns pontos relevantes debatidos na análise de dados e ao longo deste trabalho, de acordo com o embasamento teórico adotado. Além disso, propomos reflexões sobre as respostas para as hipóteses apresentadas, a fim de avançar no assunto sobre o objeto linguístico da pesquisa. Em seguida, apresentamos as referências bibliográficas, e, logo após, em Anexos, as propostas de redação orientaram a produção dos textos selecionados para a amostra do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo deste capítulo é apresentar e discutir os aspectos relacionados à vírgula enquanto objeto de investigação de uma perspectiva linguística de análise. Em 2.1, buscamos explicitar as diferentes abordagens de investigação do sinal de pontuação em questão, especificamente pelo modo como é estabelecida a relação entre fala e escrita e da finalidade das pesquisas que utilizam a pontuação como objeto de análise. Em 2.2, nos detemos a especificar trabalhos em que a vírgula, em textos do Ensino Fundamental II, também foi considerada como objeto de investigação. Na seção 2.3, por fim, apresentamos o modelo teórico que fundamenta a interface entre a sintaxe e a fonologia, isto é, a Fonologia Prosódica. A partir desse respaldo conceitual, analisamos o emprego da vírgula em esquema simples, buscando explicitar as motivações, não só as sintáticas, que levam os alunos a empregar ou a deixar de empregar a vírgula em textos narrativos, nas duas etapas (início e fim) do Ensino Fundamental II.

2.1 Perspectivas de análise da vírgula

Na literatura brasileira, nas pesquisas na área dos Estudos Linguísticos, como as de Chacon (1998) e de Corrêa (2004), ainda que relativamente poucas, constatamos que os usos dos sinais de pontuação em produções escritas são tomados como objeto de investigação em níveis de escolarização distintos. Sendo assim, esta dissertação se situa no estudo das vírgulas no EF II.

Para a realização desta pesquisa, amparamo-nos em trabalhos anteriores como o de Chacon (1998), Corrêa (2004), Araújo-Chiuchi (2012) e Carvalho (2019), que tratam sobre a pontuação. Apesar de considerarem o mesmo objeto de análise, os trabalhos já realizados na área apresentam abordagens distintas de acordo com a forma como a relação entre a fala e a

escrita é estabelecida. Nesses estudos, a pontuação permite tratar de questões mais abrangentes sobre a linguagem. Para ilustrar essas abordagens, a seguir, retomamos alguns trabalhos sobre a pontuação na literatura brasileira.

A fim de avançar nos estudos sobre o tema abordado nesta dissertação, partimos dos trabalhos realizados na área dos Estudos Linguísticos que tratam sobre a escrita e a pontuação e a relação entre fala e escrita. Inicialmente destacamos o trabalho de Chacon (1998). O autor analisa a contribuição do caráter multidimensional do sistema de pontuação para o estabelecimento do ritmo da escrita, que é inerente a ela. Para a pesquisa, Chacon (1998) agrupa afirmações e observações formuladas por estudiosos sobre os sinais de pontuação, em especial, sobre a vírgula. Apesar de serem sinais gráficos, e, conseqüentemente, serem exclusivos da escrita, os sinais de pontuação, com destaque para a vírgula, possuem um caráter multidimensional, já que não se reduz apenas ao aspecto gráfico-visual, mas possui funcionalidade “polissêmica”. De acordo com o autor, as dimensões fônica, sintática, textual e enunciativa estão relacionadas ao sistema de pontuação. Sendo assim, o autor defende a ideia de que os sinais de pontuação atribuem à escrita um ritmo próprio, estabelecido entre unidades das dimensões da linguagem de maneira simultânea.

Em relação a essa vinculação entre pontuação e as dimensões da linguagem, o autor defende que a organização de determinadas dimensões, marcadas graficamente pelos sinais de pontuação, definem o ritmo próprio da escrita. Sendo assim, conclui-se que a pontuação tem a função de delimitar os elementos rítmicos da linguagem na escrita de acordo com as intuições do escrevente em relação ao fluxo enunciativo. Nesse sentido, interpretamos e entendemos que o uso da vírgula tem relação com as dimensões prosódica, sintática, textual e enunciativa. Portanto, tal circulação evidencia a contribuição que os sinais de pontuação trazem para marcar o ritmo da escrita.

De acordo com Chacon (1998), os sinais de pontuação têm a função de representar algumas características da fala na escrita, que são evidenciadas pelas pausas, por exemplo; delimitar estruturas sintáticas e indicar o desenvolvimento de uma sequência do texto; atuar como elementos coesivos, garantindo a coerência do texto; simbolizar o envolvimento do escrevente com a elaboração do escrito. Essa característica da pontuação em atuar pelas quatro dimensões da linguagem contribui para dar “mobilidade” à escrita, resultando no estabelecimento do ritmo da escrita. Para entender a relação entre as dimensões da linguagem e a vírgula, isto é, das dimensões que auxiliam na construção do ritmo da escrita, é necessário compreender o papel de cada uma na elaboração dos textos.

Embora esta pesquisa parta da proposta de Chacon (1998) de que a pontuação seja multidimensional e atribua um ritmo próprio à escrita, neste estudo, em função dos objetivos apresentados, vamos abordar apenas as dimensões sintática e fônica. Essa decisão de abordagem é motivada na escolha por investigar a relação entre fala e escrita a partir da identificação de fronteiras sintáticas relevantes para a identificação de fronteiras prosódicas, conforme a proposta de Nespor e Vogel (1986).

No âmbito da dimensão fônica, de acordo com Chacon (1998), a relação entre o gráfico e a dimensão fônica da linguagem não é direta, isto é, os sinais de pontuação não representam os aspectos orais de forma direta. Dessa maneira, por meio da pontuação é possível detectar aspectos da oralidade e, simultaneamente, o ritmo do texto escrito. Ademais, o autor destaca que os sinais de pontuação, além de marcarem pausas e contornos entoacionais, podem demarcar outras unidades prosódicas como extensão, duração, intensidade e ritmo. Assim, a pontuação permite detectar os modos pelo quais aspectos da oralidade se manifestam na escrita, constituindo-a de modo a se constatar um ritmo *da* escrita.

Ainda segundo Chacon (1998), por mais que a escrita tenha ritmo próprio e diferente do da fala, não está totalmente dessa desvinculada. O autor defende que os sinais de pontuação indicam os ritmos da linguagem. Assim, ao empregar a vírgula, por exemplo, o escrevente marca o sinal para respirar, alternar estruturas idênticas, indicar que o enunciado ainda não terminou e para interromper a enunciação. Portanto, conclui-se que o ritmo linguístico se manifesta no desenvolvimento da produção escrita, mas esse ritmo é parte a configurar um ritmo próprio da enunciação escrita.

Com relação à dimensão sintática, Chacon (1998) destaca a relação mais intensa com os sinais de pontuação que, conseqüentemente, possui maior prestígio na sociedade. O autor menciona, ainda, o cuidado dos gramáticos sobre essa dimensão, já que esses estudiosos consideram que as funções da pontuação no conteúdo escrito é relacionar, organizar e hierarquizar as partes de um texto. Embora essa dimensão ainda esteja ligada a essas questões, não se pode deixar de considerar a importância do aspecto sintático para a pontuação, já que é um dos aspectos norteadores que hierarquizam as informações do texto escrito. Sendo assim, na perspectiva de Chacon (1998), é necessário dialogar sobre como a pontuação mostra a própria sintaxe da escrita.

O trabalho de Chacon (1998) destaca a contribuição do caráter multidimensional dos sinais de pontuação para o estabelecimento do ritmo da escrita. Para o desenvolvimento da pesquisa, o autor considera a complexidade frequente e as funções desempenhadas pela vírgula

para definir o ritmo da escrita. Como podem circular pelas quatro dimensões da linguagem, os sinais de natureza-gráfico visual demonstram o ritmo da escrita.

Corrêa (2004) também segue uma trajetória parecida com o trabalho de Chacon (1998) ao defender a perspectiva de que a heterogeneidade da escrita pode ser relevada por meio da análise dos usos dos sinais de pontuação. Para o desenvolvimento da sua tese, Corrêa (2004), selecionou textos produzidos por candidatos ao vestibular da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Nesse estudo, ao abordar a relação entre fala e escrita, o autor defende que esta é elaborada de maneira processual e heterogênea, podendo ser mostrada por meio da análise do emprego dos sinais de pontuação.

A concepção proposta por Corrêa (2004) considera a escrita como um lugar de expressão do sujeito, assim como a fala, e não apenas um sistema de normas que devem ser seguidas. Nessa perspectiva, a escrita, vista como um processo, durante a elaboração do texto, tem influência de práticas sociais orais/ faladas e letradas/ escritas em que o sujeito escrevente está inserido, revelando distintas relações com a linguagem. Desse modo, Corrêa (2004) concebe a fala e a escrita por meio de uma relação instituída entre as práticas orais/ faladas e letradas/ escritas. Essa relação, definida como “trânsito” entre as práticas sociais, resulta na unidade que registra a escrita como um processo: o texto.

De acordo com Corrêa (2004), a heterogeneidade da escrita, marcada pela relação entre o oral/ escrito, ligando uma prática social do campo da prática oral à uma prática social do campo de fatos linguísticos escritos, está presente em diversos modos discursivos. Assim, a heterogeneidade é inerente à escrita, no qual não há uma interferência do oral no escrito, mas uma relação muito próxima entre fatos linguísticos do falado/ escrito e práticas sociais do oral/ letrado, presente na elaboração de produções escritas.

De acordo com a concepção de escrita de Corrêa (2004), a variação entre o emprego da vírgula não se trata de uma interferência do oral no escrito, mas, sim, de uma assimilação entre os elementos linguísticos do falado/escrito com as práticas sociais orais/ letradas. Sendo assim, a partir da análise de textos escritos por vestibulandos, o autor conclui que o modo como os sinais de pontuação é empregado mostra o trânsito dos escreventes por práticas orais/faladas e letradas/escritas, práticas impossíveis de serem separadas, de acordo com a abordagem de Corrêa (2004).

Com base na perspectiva de Corrêa (2004), interpretamos que as vírgulas empregadas nos textos são sinais do processo heterogêneo de constituição da escrita, definidas a partir da relação inseparável entre práticas orais/faladas e letradas/escritas que fazem parte do sujeito escrevente.

Para apresentar a visão sobre a pontuação de uma maneira mais geral, Corrêa (2004) utiliza as considerações de Chacon (1998), que também será utilizada, logo em seguida, nesta dissertação, para evidenciar a sua visão sobre a pontuação de uma maneira mais geral. Essas reflexões dizem respeito ao modo de definir as funções dos sinais de pontuação: singularizar a escrita e dar movimento para aproximá-la da maneira com que a oralidade flui.

A partir do exposto, consideramos que os trabalhos de Chacon (1998) e de Corrêa (2004) partem de uma mesma base teórico-metodológica e tomam os sinais de pontuação como eixo de partida para estudar questões mais amplas sobre a linguagem. Chacon (1998), considera a relação entre os sinais de pontuação e o ritmo da escrita; já Corrêa (2004) aborda a relação entre pontuação e a heterogeneidade inerente à escrita. Os trabalhos que serão apresentados a seguir também consideram a pontuação como ponto de partida de suas análises. Porém, em relação aos estudos de Chacon (1998) e de Corrêa (2004), esses trabalhos se distanciam por buscarem motivações acerca do funcionamento complexo dos sinais de pontuação, e, não necessariamente, investigarem a relação da pontuação e aspectos amplos da linguagem.

Em relação a essas abordagens apresentadas nesta seção, aproximamo-nos da concepção da multidimensionalidade da linguagem, proposta por Chacon (1998), bem como da concepção de a escrita ser constituída por práticas orais e letradas, como defendida por Corrêa (2004). Dessas abordagens, os usos da vírgula são interpretados como marcas da relação entre fala e escrita e marcas da heterogeneidade da escrita. No que diz respeito à análise dos usos de vírgulas em esquema simples, buscamos lidar com o que Chacon (1998) chama de dimensão gramatical, por estarem em destaque componentes sintáticos e fonológicos da gramática.

Ao longo do Capítulo 3, para a descrição e análise dos usos das vírgulas em duas etapas distintas da formação do aluno no Ensino Fundamental II, buscaremos descrever em quais fronteiras sintáticas e prosódicas vírgulas foram empregadas de modo a interpretá-las como indícios da dimensão gramatical da pontuação, tal como proposto por Chacon (1998). Por meio desse percurso analítico das vírgulas almejamos, enfim, contribuir com a abordagem que esse sinal de pontuação favorece capturar a circulação dos alunos por práticas orais/faladas e letradas/escritas.

2.2 A vírgula nos textos do Ensino Fundamental II

Nesta subseção, para o desenvolvimento desta pesquisa, destacamos os trabalhos de Araújo-Chiuchi (2012) e Carvalho (2019). Ambos os estudos se aproximam da proposta deste trabalho porque as autoras utilizam a vírgula como objeto de investigação e analisam o seu funcionamento em textos retirados de um mesmo banco de dados de textos escritos por alunos do Ensino Fundamental II. Nesses trabalhos, as autoras têm o intuito de descrever os usos da vírgula a partir da relação entre sintaxe e fonologia. No que diz respeito ao distanciamento entre os trabalhos, enquanto Araújo-Chiuchi (2012) investiga empregos da vírgula em textos de tipologia narrativa escritos por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II, Carvalho (2019) privilegia textos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, de tipologia relato, na defesa de que o emprego convencional da vírgula aumenta conforme aumenta os anos de escolarização. Esta dissertação se situa em relação a esses trabalhos por fazer uma análise semi-longitudinal dos usos de vírgulas em esquema simples em textos narrativos escritos por alunos do sexto e do nono ano do Ensino Fundamental II.

No estudo desenvolvido por Araújo-Chiuchi (2012), a autora procurou analisar o emprego não convencional de vírgulas em esquema simples em textos escritos por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. Partindo da hipótese de que os usos não convencionais podem ser motivados pela relação com as características prosódicas dos enunciados orais/falados, a pesquisadora investigou em que medida as fronteiras de domínios prosódicos podem motivar a colocação não convencional de vírgulas.

Como arcabouço teórico, Araújo-Chiuchi (2012) adota as abordagens sobre a escrita, pontuação e vírgula. Como concepção de escrita, a autora ancora-se na visão da heterogeneidade constitutiva da escrita, proposta por Corrêa (2004) e na multidimensionalidade da linguagem, defendida por Chacon (1998) para pensar os usos não convencionais de vírgula em esquema simples e sua relação com a escrita. Além disso, para apresentar a complexidade e a função enunciativa desempenhada pela vírgula, a autora utiliza, respectivamente, a abordagem de Dahlet (2006) e de Esvael (2005).

Araújo-Chiuchi (2012) ancora-se na abordagem da concepção de escrita proposta por Corrêa (2004). A partir dessa perspectiva, a autora parte da ideia de que a relação entre os enunciados orais/falados e letrados/escritos acontece por meio de práticas sociais orais e letradas. Sendo assim, Araújo-Chiuchi (2012) considera que não há uma relação direta entre o que se fala e o que se escreve, mas a constituição heterogênea da fala e da escrita.

Em relação à concepção da pontuação, Araújo-Chiuchi (2012) adota a abordagem de Chacon (1998) sobre o ritmo da escrita, no qual é registrado por meio dos sinais de pontuação

que possibilitam o “movimento” próprio do texto escrito. Por transitar entre as dimensões da linguagem de maneira simultânea, os sinais de pontuação estão relacionados à construção do ritmo da escrita, desempenhando o papel de “articulador textual” do próprio texto. A partir dessas perspectivas, Araújo-Chiuchi (2012) analisa as possíveis relações, feitas pelos escreventes por meio do uso de vírgulas em esquema simples, entre enunciados orais/falados e letrados/escritos.

Para tratar e conceber os sinais de pontuação de modo amplo, e a vírgula, em particular, Araújo-Chiuchi (2012) estabelece relação entre fala e escrita e parte do pressuposto de que a relação entre pontuação e fonologia se estabelece de maneira simbólica. Isso implica dizer que a autora considera a não relação direta entre a escrita e o fônico. Para a análise do emprego não convencional de vírgulas em esquema simples proposto no trabalho, a autora embasa-se na delimitação de informações do arcabouço teórico da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986), que aborda a organização dos enunciados falados, para a definição da interface entre a sintaxe e a fonologia.

Para investigar em que medida as fronteiras de domínios prosódicos podem motivar o emprego não convencional de vírgulas (e considerando o intuito de observar como acontece a relação entre os enunciados orais/falados e os letrados/escritos), Araújo-Chiuchi (2012) considerou, particularmente, os três últimos domínios da hierarquia prosódica (frase fonológica (ϕ), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U)), proposta por Nespor e Vogel (1986).

Em relação à seleção do material de análise, Araújo-Chiuchi (2012) investigou, de maneira longitudinal, textos de tipologia narrativa, gênero conto, escritos por estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental II. Com o intuito de observar de que maneira as ocorrências não convencionais de vírgulas são motivadas pelas fronteiras de domínios prosódicos¹ (frase fonológica (ϕ), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U)) dos enunciados orais/falados, a autora procurou verificar como o aluno organiza as frases, considerando a circulação por práticas orais/faladas e letradas/escritas.

Em relação aos resultados, a pesquisa de Araújo-Chiuchi (2012) permitiu concluir, que, em geral, a ocorrência não convencional de vírgula corresponde a fronteiras de domínios prosódicos, especificamente, fronteiras de frase fonológica (ϕ), fronteiras de frase entoacional (I) e fronteiras de enunciado fonológico (U). Além disso, na análise da autora, foram

¹ Os domínios prosódicos mencionados serão detalhados a partir da seção 2.3 deste capítulo (página 30).

distinguidos dois tipos de usos não convencionais de vírgula: i) a escolha não convencional da vírgula em relação a outro possível sinal de pontuação; ii) a colocação da vírgula em posição não convencional. Apesar da distinção quanto ao uso, a análise de (ii) torna-se mais relevante para esta dissertação, visto a relação direta com os dados analisados nesta pesquisa, que também contempla usos não convencionais de vírgula. O trabalho de Araújo-Chiuchi (2012) verificou que o uso não convencional de vírgula em fronteiras de frase entoacional, em geral, está sintaticamente relacionado à ocorrência de vírgula entre as orações, como no exemplo “[Juvêncio ficou muito feliz com a notícia.] I [e foi correnco pegar seu dinheiro.] I] U”; já o uso não convencional em fronteiras de frase fonológica está sintaticamente ligado ao uso da vírgula entre os constituintes dentro da oração, como no exemplo “[...] [[e ela] ϕ [não quiria] ϕ [falar] ϕ [com ele.] ϕ] I] U.

A respeito da relação entre fala e escrita, Araújo-Chiuchi (2012) menciona que o aluno, ao pontuar, demonstra-se mais sensível a limites de domínios mais altos da hierarquia prosódica, os quais predominantemente coincidem com fronteiras sintáticas maiores (entre sentenças, orações, sintagmas nominais sujeitos e sintagmas verbais). Por isso, a autora argumenta que os empregos não convencionais são consequência do trânsito do aluno escrevente pelas práticas orais e letradas.

Em síntese, o estudo de Araújo-Chiuchi (2012) demonstra que os usos não convencionais de vírgula, apesar de poderem ser associados a fronteiras de frases entoacionais, demarcam unidades prosódicas não isomórficas à fronteira sintática. A análise longitudinal da autora sobre a tipologia narrativa contempla somente os textos de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II. Em relação a esse estudo, este se especifica por realizar um recorte do uso de vírgula em esquema simples enquanto objeto linguístico de análise a ser descrito e investigado semi-longitudinalmente, isto é, em duas etapas distintas da formação do aluno, em textos do gênero narrativo. Nesta pesquisa, amparados no trabalho de Araújo-Chiuchi (2012), avançamos nos estudos sobre a vírgula.

A fim de avançar nos estudos sobre o tema proposto neste trabalho, visto a assimetria entre o objeto de investigação, nos embasamos fortemente no trabalho de Carvalho (2019), já que a pesquisa da autora dialoga diretamente com o estudo visado nesta dissertação. Pelo fato de abordar tanto os usos convencionais quanto os não convencionais de vírgulas em esquema simples, e investigar se esses usos, na tipologia relato, têm relação com características sintáticas e prosódicas dos enunciados da língua, conclui-se que a pesquisa da autora exerce uma interlocução privilegiada em relação aos trabalhos já produzidos na área.

Em estudos desenvolvidos por Carvalho (2019), a autora procurou analisar os empregos convencionais e não convencionais de vírgula em textos de tipologia relato, gênero relato de experiência, escritos por alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental II. Para a pesquisa, Carvalho (2019) leva em consideração questões relacionadas ao ensino de regras de emprego de vírgula conforme os anos de escolarização e aos sinais da motivação de informações prosódicas na delimitação de fronteiras em um texto escrito.

Em relação ao arcabouço teórico, Carvalho (2019), assim como Araújo-Chiuchi (2012), utiliza as noções de multidimensionalidade da pontuação, proposta por Chacon (1998) e da heterogeneidade constitutiva da escrita, proposta por Corrêa (2004), para discutir sobre a relação entre a pontuação e a escrita. A autora baseia-se no modelo da Fonologia Prosódica, proposto por Nespor e Vogel (1986) para identificar os sinais da dimensão fônica que motivam os usos da vírgula, abordando, assim, a relação prosódia e pontuação.

No que concerne ao material de análise, Carvalho (2019) utiliza a amostra longitudinal do Banco de Dados de Escrita do EFII, produções que mostram como se dá a escrita de alunos dessa etapa do Ensino Fundamental. Com esses dados de escrita, a autora observa tendências que podem ser regulares nos usos de acordo com o funcionamento de vírgulas em textos de alunos da segunda etapa da educação básica. Para a delimitação do objeto de investigação, a autora seleciona 248 textos produzidos pelos mesmos 62 alunos ao longo do 6º ao 9º ano, isto é, faz uma análise longitudinal com o intuito de entender o percurso dos alunos investigados ao pontuarem seus textos. Além disso, em relação à classificação dos usos de vírgulas, a autora optou por os dados em tipos que atendem ou não à convenção gramatical, com a terminologia de usos convencionais e não convencionais.

No que diz respeito aos procedimentos quantitativos adotados para identificação e levantamento de fronteiras sintáticas, Carvalho (2019) baseia-se na gramática normativa de Bechara (1999) e considera os dados de vírgula dentro e fora da convenção gramatical. Com amparo nas regras sintáticas, mas, considerando o fato de o critério não ser suficiente para verificar como a vírgula delimita as estruturas e porções do texto, a autora organiza os dados de acordo com as categorias de uso, em função de dois empregos: esquema simples e esquema duplo, que o sinal de pontuação em questão pode assumir. Por dialogar mais diretamente com esta pesquisa, consideramos relevante abranger os procedimentos adotados pela pesquisadora sobre os usos de vírgula em esquema simples. Em relação à categorização desses dados, Carvalho (2019) considera os seguintes contextos: i) enumeração, ii) deslocamento, iii) outros casos, iv) coordenação de orações, v) subordinação de orações e vi) elementos extraoracionais.

Para a quantificação dos dados, a autora se apoiou na oposição entre presença (convencional e não convencional) da vírgula e na sua ausência (não convencional).

A fim de investigar quais constituintes prosódicos podem estar relacionados à fronteira de emprego da vírgula em textos escritos por alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, Carvalho (2019) baseia-se na teoria da Fonologia Prosódica, de Nespor e Vogel (1986). Com isso, a autora constatou os domínios frase fonológica e frase entoacional como relevantes para estabelecer relação com as vírgulas presentes ou ausentes nos dados analisados. Assim, Carvalho (2019) identificou quais domínios prosódicos coincidem com as fronteiras sintáticas que havia no emprego convencional e não convencional de vírgulas em esquema simples.

Em relação à análise linguística dos dados de vírgula em esquema simples, categoria considerada mais relevante neste estudo pelo fato de dialogar diretamente com esta pesquisa, Carvalho (2019) investiga os dados de vírgulas convencionais e não convencionais para as diferentes estruturas consideradas no material. Com essa análise, tem o intuito de verificar como as vírgulas são utilizadas nos textos do Ensino Fundamental de acordo com o viés sintático e como os aspectos prosódicos podem auxiliar na presença ou na ausência do sinal de pontuação em questão. Além disso, para a descrição e investigação desses dados, a autora levou em conta três aspectos fundamentais, a saber: (1) o tipo de emprego da vírgula (convencional ou não convencional); (2) as fronteiras sintáticas e prosódicas; (3) os anos de escolarização.

A pesquisa realizada por Carvalho (2019) apontou algumas regularidades em relação ao emprego da vírgula em esquema simples: i) os dados não convencionais ocorrem em maior proporção se comparados aos convencionais; ii) o 9º ano letivo é contexto em que os alunos mais empregam a vírgula de maneira distintas nas produções textuais. Este resultado permitiu observar que os resultados sobre os usos de vírgula se modificam mais ao final do Ensino Fundamental, e, especificamente no 9º ano, os empregos apresentam uma alternância entre a presença convencional e a ausência/presença não convencional em um mesmo texto. Sendo assim, a autora constata que os usos de vírgulas em esquema simples mudam conforme o passar dos anos letivos.

No que concerne ao contexto sintático de emprego da vírgula em esquema simples, Carvalho (2019) constata que quando há estruturas dos tipos enumeração e coordenação de sentenças, predominam os empregos convencionais da vírgula. Já entre elementos extra oracionais, deslocamentos, subordinações e outros casos, a tendência é não haver emprego de vírgula. A partir desses resultados, a autora afirma que a estrutura sintática interfere no modo

de utilização do sinal de pontuação em questão. Em relação à justificativa desses empregos, Carvalho (2019) considera que a circulação dos alunos por práticas letradas, mais especificamente, as relacionadas ao emprego dos sinais de pontuação, que tipicamente ocorre com a apresentação das regras sintáticas, seja relevante para compreender a motivação desses usos. Nos contextos de enumerações e coordenação de sentenças, é comum a utilização de vírgula, por parte dos alunos do início do Ensino Fundamental II pelo fato de poderem ter relação com práticas letradas/ escritas com as quais tiveram contato durante a primeira etapa da educação básica. No conjunto das demais estruturas sintáticas, a ausência de vírgulas nos anos iniciais letivos constitui contexto de dúvida. Porém, nos anos finais letivos, esses usos não convencionais pela ausência se intensificam. Além disso, a autora afirma que há flutuação entre os empregos de vírgulas nessas fronteiras ao longo dos anos. Já em relação aos usos não convencionais pela presença de vírgula, constata-se que há um aumento do uso ao final da segunda etapa do ensino básico, motivado pela tipologia relato.

Em relação às características prosódicas, a autora afirma que os domínios frases fonológica e frase entoacional se mostraram mais relevantes para estabelecer relação entre os usos de vírgulas e fronteiras prosódicas. Porém, há maior coincidência de usos convencionais e não convencionais com fronteiras de frases entoacionais. No que tange a essa correspondência, nos contextos de uso convencional e não convencional pela presença, as vírgulas em fronteiras de frases entoacionais tendem a ser mais recorrentes no 9º ano letivo. Já em relação aos dados convencionais e não convencionais pela ausência, no início do Ensino Fundamental, as vírgulas não são inseridas em determinadas fronteiras sintáticas onde também encontra-se uma fronteira de frase entoacional; já no final da etapa da educação básica, as vírgulas são empregadas mais convencionalmente em fronteiras sintáticas que coincidem com fronteiras de frase entoacional. Além disso, a autora afirma que as vírgulas em esquema simples coincidem com as fronteiras de frase fonológica somente no contexto de uso não convencional pela presença.

Com base nesses resultados, Carvalho (2019) aponta para algumas motivações através da interpretação dos textos dos alunos do Ensino Fundamental II. Em relação aos aspectos prosódicos, especificamente entre a coincidência entre as fronteiras de uso da vírgula e fronteiras de frases entoacionais, a autora constata que fatores como extensão das estruturas e possibilidades de reestruturação entre fronteiras operam junto com as informações sintáticas para o emprego da vírgula. Já em contextos do emprego não convencional da vírgula em fronteira de frase fonológica, no qual há o destaque de um sintagma, a pesquisadora considera que o aluno utiliza o sinal de pontuação para realçar uma determinada informação do texto.

Em síntese, o trabalho de Carvalho (2019) comprova que os usos de vírgulas em esquema simples mudam no decorrer dos anos letivos e as fronteiras prosódicas ocupam um papel importante nesses empregos. As mudanças nos empregos de vírgula, apontadas pelo estudo da autora, indicam a tentativa de o estudante de se adequar às práticas letradas/escritas, privilegiadas nas escolas, práticas que buscam apagar a relação da escrita com a oralidade. Sendo assim, o estudo de Carvalho (2019) pretende demonstrar a insuficiência de considerar somente a dimensão sintática para tratar do funcionamento da vírgula, já que a prosódia é uma informação linguística que faz parte do sistema de pontuação, e, por isso, relevante para a compreensão dos empregos desse sinal de pontuação.

2.3 Uma perspectiva fonológica da prosódia

Nesta subseção, buscamos apresentar os aspectos teóricos da abordagem da prosódia, de uma perspectiva fonológica, especificamente, o modelo teórico da Fonologia Prosódica, proposto por Nespor e Vogel (1986), que trata da organização prosódica dos enunciados falados. Essa organização prosódica é, nesta dissertação, vista como sendo de natureza fonológica. É nesse arcabouço teórico sobre prosódia que investigaremos se, em textos de tipologia narrativa, os usos das vírgulas não apenas orientam o funcionamento da estrutura sintática, mas podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típica de enunciados falados. Na perspectiva em questão, a prosódia é formada por domínios hierarquicamente organizados a partir da interface da fonologia com os distintos módulos da gramática, entre eles a sintaxe.

De acordo com Gayer (2015), Nespor e Vogel, em 1986, contrapondo a visão gerativa, propõem o modelo da teoria não-linear da Fonologia Prosódica, a fim de estabelecer uma relação entre os componentes fonológicos e sintáticos da gramática. Desse modo, o processo de construção da gramática da língua se dá por meio do mapeamento entre os componentes gramaticais e a prosódia é fruto da interface entre a sintaxe e a fonologia. Ademais, nessa abordagem, a comunicação se estabelece por meio de blocos organizados hierarquicamente e que correspondem aos constituintes prosódicos. Na fala, os limites dos constituintes se manifestam por características entoacionais e rítmicas, além de pausas, duração das sílabas, dentre outras pistas fonéticas.

Da perspectiva do grupo no qual essa pesquisa se insere, os limites de constituintes prosódicos de natureza fonológica podem ser identificados, na escrita, por meio de sinais

Em relação ao modelo teórico em questão, Gayer (2015) ainda destaca a questão da não isomorfia entre as estruturas sintática e fonológica. Apesar da segmentação dos constituintes prosódicos partir da estrutura sintática, a coincidência entre eles não é regra. Assim, partindo-se da perspectiva de que os elementos prosódicos derivam da estrutura sintática, há diferentes visões no modo de abordar a interface entre a sintaxe e a fonologia. Ainda segundo Gayer (2015), o motivo para distinguir essas abordagens diz respeito à dúvida quanto à segmentação do constituinte frase fonológica, no qual ora permanece no mesmo sintagma, ora se separa, gerando sentenças ambíguas.

A relação entre a sintaxe e a fonologia é, de nossa perspectiva, necessária para entender o funcionamento da gramática da língua falada. Apesar de haver uma autonomia entre esses componentes, a sintaxe auxilia na identificação de constituintes prosódicos, isto é, concede uma série de informações para a fonologia. Como dito anteriormente, para chegar aos constituintes prosódicos, toma-se como base informações sintáticas.

Em síntese, Nespor e Vogel (1986) abordam a constituição da estrutura fonológica a partir da interface entre a sintaxe e a fonologia. De acordo com as autoras, a estrutura fonológica é formada a partir de regras e princípios da gramática. Os constituintes prosódicos possuem regras para serem segmentados e manifestam os fenômenos através da pausa, dos contornos entoacionais, da duração, do ritmo, entre outros.

Para a Fonologia Prosódica, toda língua possui uma estrutura hierárquica de constituintes prosódicos e podem ser organizadas em uma escala crescente. Para formação desses constituintes, leva-se em conta as informações sintáticas. Além disso, esses constituintes compõem um conjunto, que, organizados hierarquicamente, são responsáveis por organizar a fala. Esse conjunto é formado por sete constituintes, a saber: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico. A organização segue o princípio de que cada domínio prosódico é necessariamente contido no domínio precedente. Sendo assim, quanto mais alto na hierarquia, mais informações linguísticas são necessárias para delimitação do constituinte. A figura abaixo evidencia a organização hierárquica desses constituintes, conforme proposto por Nespor e Vogel (1986).

Em análise desenvolvida sobre os usos da vírgula, Araújo-Chiuchi (2012) e Carvalho (2019) observaram que as fronteiras de emprego do sinal de pontuação em questão coincidem com duas fronteiras prosódicas da hierarquia proposta por Nespor e Vogel (2007): a frase fonológica e a frase entoacional. Sendo assim, com amparo nesses trabalhos, acreditamos que

esses domínios sejam relevantes para a análise prosódica dos dados de vírgula em esquema simples.

Para cada limite da hierarquia, Nespor e Vogel (2007) relacionam o algoritmo de formação de cada domínio ao tipo de informação gramatical e a fenômenos fonológicos relevantes para sua definição estrutural. Além disso, as autoras consideram que existem fatores que podem levar ao processo de reestruturação da configuração inicial prevista para cada limite, a partir de uma informação sintática. Sendo assim, a consideração das possibilidades de formação e reestruturação dos domínios frase fonológica e frase entoacional são importantes para este trabalho, já que analisaremos textos escritos cuja organização é complexa. Por meio das regras de cada domínio prosódico, encontraremos possibilidades de analisar a medida em que os usos de vírgulas estão relacionados com as fronteiras prosódicas dos enunciados.

Primeiramente, consideremos o algoritmo de formação e reestruturação do constituinte frase fonológica. Pelo algoritmo de formação, Nespor e Vogel (2007) preveem a possibilidade de reestruturação, isto é, uma outra maneira de organizar os enunciados, para todos os constituintes prosódicos. Porém, esse processo depende de fatores específicos para ocorrer, a saber: velocidade da fala (rápida ou lenta) e extensão dos constituintes (se ramificado, como em “menina muito bonita”, ou não ramificado como em “menina bonita”). Tendo em vista que o material de análise desta pesquisa é formado apenas por textos escritos, consideraremos apenas o fator extensão.

Em relação a esse fator, a condição para haver o processo de reestruturação é haver uma frase fonológica de pequena extensão (uma palavra com três sílabas). Pensemos na seguinte estrutura como exemplo: “menina bonita”. A princípio, a partir do algoritmo de formação proposto por Nespor e Vogel (2007), essa estrutura formaria duas f_s, pois apresenta duas cabeças lexicais, um sintagma nominal “menina” e um sintagma adjetival “bonita”. Porém, essa estrutura possui contexto favorável para ocorrer o processo, já que “bonita” possui pequena extensão e pode se juntar à “menina”, que também é considerada curta. Quando reestruturada, essas duas palavras passam a fazer parte de uma mesma frase fonológica. Além disso, o processo é possível de ocorrer porque o elemento lexical “bonita” não se encontra ramificado. Se tivéssemos a estrutura “menina muito bonita”, não ocorreria a reestruturação, já que o elemento lexical está ramificado. Sendo assim, se uma frase fonológica estiver ramificada, é mais provável que uma frase fonológica mais extensa se transforme em outras duas menores.

O constituinte prosódico “frase entoacional” (I) se mostrou relevante para a análise dos usos de vírgulas, como abordado em trabalhos anteriores. Por ser um dos domínios mais altos da hierarquia prosódica, a delimitação das fronteiras de I exige informações gramaticais que vão além das sintáticas. Como tem se mostrado importante para a investigação do emprego de vírgulas em esquema simples, visto a coincidência entre a fronteira de uso do sinal de pontuação e a fronteira de frase entoacional, nos embasamos nos trabalhos de Nespor e Vogel (2007), que tratam da formação desse domínio e dos fenômenos prosódicos que nele ocorrem.

De acordo com Nespor e Vogel (2007), a frase entoacional (I) é um elemento da hierarquia prosódica e refere-se diretamente ao contorno entoacional das sentenças. A formação de frases entoacionais é baseada em informações sintáticas e se dá a partir do agrupamento e da organização de frases fonológicas, domínio pertencente ao nível inferior na hierarquia prosódica. Segundo as autoras, os fatores sintáticos guiam a formação de frases entoacionais, isto é, têm uma função na constituição de I, mas, os fatores semânticos, como proeminência e desempenho, também podem influenciar os contornos entoacionais durante a enunciação. Sendo assim, para a identificação de uma frase entoacional, é necessário levar em conta os elementos gramaticais e o sentido que está sendo empregado na sentença, respectivamente, os fatores sintáticos e semânticos.

Como visto acima, o constituinte frase entoacional refere-se diretamente ao contorno de entoação (ascendente/ descendente) na enunciação das sentenças. Nespor e Vogel (2007) afirmam que as fronteiras finais de uma frase entoacional coincidem com o lugar em que as pausas podem ser inseridas. Assim, conclui-se que as frases entoacionais são delimitadas por pausas.

Como princípios básicos para a formação de I, Nespor e Vogel (2007) postulam que determinados tipos de construções formam frases entoacionais independentes obrigatoriamente, onde quer que ocorram nas sentenças. De acordo com as autoras, construções como: sentenças raiz, como “[Lions are dangerous] I”, elementos externos à estrutura da sentença raiz, como em “Lions [as you know] I are dangerous” e sequências remanescentes de uma sentença raiz interrompida por elementos anexados a ele, como em “[Lions] I as you know [are dangerous] I”, podem, por si só, serem considerados frases entoacionais. Além disso, as construções dos tipos: expressões parentéticas, como em “Lions [as you know] I are dangerous”; orações relativas não restritivas, como em “My brother [who absolutely loves animals] I just bouth himself an exotic tropical bird”; perguntas-eco, como em “That’s Theodore’s cat [isn’t it]? I”; vocativos, como em “[Clarence] I I’d like you to meet Mr. Smith”; expletivos, como em “[God heavens] I there’s a bear in the back yard”; elementos movidos (deslocados), como em “They

are so cute [those Australian koalas] I” são inseridas no conjunto maior de construções que formam frases entoacionais independentes. Sendo assim, verifica-se que as frases entoacionais são formadas a partir de estruturas sintáticas.

Ainda segundo Nespor e Vogel (2007), a formação de frases entoacionais é baseada em fatores sintáticos, isto é, as representações de natureza sintática geram as estruturas fonológicas e, frequentemente, o constituinte prosódico frase entoacional corresponde a um constituinte sintático. Entretanto, de acordo com as autoras, não são todos os casos em que se verifica a correspondência entre o domínio *I* e os constituintes sintáticos. Conforme Nespor e Vogel (2007), quando a frase raiz é interrompida por uma *I* independente e obrigatória, é comum que sequências restantes desta sentença raiz não corresponda a nenhum constituinte sintático. Sendo assim, a isomorfia não é obrigatória entre constituintes sintáticos e frases entoacionais, isto é, não necessariamente as estruturas fonológicas coincidem com as estruturas sintáticas.

Além de explicitar sobre a construção do domínio de *I*, Nespor e Vogel (2007) apresentam o fato de a frase entoacional poder sofrer um processo denominado reestruturação. Definido como agrupamento de elementos com segmentos fônicos adjacentes, esse processo ocorre para produzir constituintes mais curtos por motivos relacionados ao processamento linguístico e por motivos fisiológicos, relacionados à capacidade de respiração. De acordo com as autoras, os critérios tamanho, ritmo de fala, estilo e proeminência contrastiva podem determinar o processo de reestruturação do domínio *I*. Em síntese, o domínio frase entoacional se reestrutura se for de curta extensão, pronunciado com alta velocidade e menos formal.

A análise prosódica em fronteiras de frases entoacionais é, de nossa perspectiva, necessária para identificar e entender os critérios fonológicos que motivam o emprego de vírgulas em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental II. Apesar de o emprego do sinal de pontuação em questão ser guiado por regras sintáticas, há motivos que influenciam na colocação de vírgulas. Em relação às motivações fonológicas, a colocação da vírgula, de maneira convencional, está ligada à coincidência entre fronteiras sintáticas e prosódicas de frases entoacionais. Como o constituinte *I* refere-se diretamente ao contorno entoacional das sentenças e suas fronteiras finais são posições delimitadas por pausas, esse constituinte prosódico tem relação com o emprego da vírgula.

Em síntese, as noções teóricas apresentadas embasam a investigação dos usos de vírgulas em esquema simples identificados nos textos escritos por alunos do Ensino Fundamental II. Após essa breve exposição, passamos a tratar, no capítulo seguinte, do material de análise composto por um conjunto de textos selecionados para o levantamento e

investigação dos dados de vírgulas em esquema simples, além dos procedimentos metodológicos adotados para interpretação dos dados.

3 MATERIAL E MÉTODO

Neste capítulo, apresentamos aspectos metodológicos que dizem respeito a esse trabalho. Tratamos, inicialmente, em 3.1, do quadro que mostra os estudos já desenvolvidos a partir do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II para melhor situar esta dissertação. Em 3.2, tratamos das características do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, de onde foi extraído todo o material de análise desta pesquisa. Em 3.3 e 3.4, respectivamente, buscamos tratar da natureza dos textos selecionados para o estudo e das características do gênero narrativo. Já em 3.5, explicitamos os critérios de seleção dos textos para compor o corpus. Nas seções 3.6 e em 3.7, delimitamos o objeto de análise e as características do sinal de pontuação vírgula. Por fim, em 3.8, tratamos das características do sinal de pontuação vírgula e dos passos metodológicos adotados para análise dos dados.

3.1 Visão geral dos estudos sobre usos de vírgula no EF II

Como explanado na apresentação desta dissertação, este trabalho se insere em um grupo que investiga há mais de dez anos a pontuação, em especial da vírgula, em textos do Ensino Fundamental II. A fim de situar esta dissertação em relação a outras pesquisas com as quais diretamente dialoga, sistematizamos o conjunto de trabalho do grupo no Quadro 1, por meio do qual apresentamos a sequência de estudos vinculados ao programa PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) da Unesp/ Ibilce, e à linha de pesquisa Oralidade e Letramento, sob mesma orientação, com base em um mesmo arcabouço teórico e a partir de materiais selecionados a partir de um mesmo Banco de Dados.

Quadro 1 – Lista de projetos de iniciação científica, mestrado e doutorado realizados a partir do Banco de Dados de Escrita do EF II

MATERIAL	AUTOR/ ANO	NÍVEL	TÍTULO
Textos argumentativos - 9º ano 2008	Soncin, 2009	Iniciação Científica	Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do Ensino Fundamental

Textos argumentativos - 9º ano 2008	Soncin, 2014	Doutorado	Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!
Textos argumentativos - 9º ano 2008	Paiva, 2021	Mestrado	Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano EF II: aspectos sintáticos e prosódicos
Textos argumentativos - 9º ano 2011	Camillo, 2023	Mestrado	Vírgulas em esquema duplo, estruturas adverbiais e argumentação: análise a partir de textos do 9º ano do EF II
Textos argumentativos - 9º ano 2011	Camillo, 2019	Iniciação Científica	Vírgulas em esquema duplo: usos em artigos de opinião no último ano do EF II
Textos de tipologia relato - 6º e 7º ano 2008 e 2009	Carvalho, 2016	Iniciação Científica	O papel da prosódia e os usos da vírgula em textos do início do EF II
Textos de tipologia relato - 6º, 7º, 8º e 9º ano 2008 a 2011	Carvalho, 2019	Mestrado	Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal
Textos de tipologia relato - 9º ano 2011	Francisco, 2020	Iniciação Científica	Vírgulas em esquema duplo em relatos de experiência do 9º ano do Ensino Fundamental II
Textos de tipologia relato - 9º ano 2011	Francisco, 2021	Iniciação Científica	Funções de vírgulas em textos do gênero relato
Textos de tipologia relato, enquête e narrativa - 9º ano 2011	Camillo, 2020	Iniciação Científica	Vírgulas em esquema duplo: usos em textos do último ano do EF II
Textos descritivos - 9º ano 2011	Vendramini, 2020	Iniciação Científica	Vírgulas em esquema duplo em enquetes do 9º ano do Ensino Fundamental II
Textos narrativos - 6º ano 2008	Araújo-Chiuchi, 2009	Iniciação Científica	Os usos de vírgulas nos textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental
Textos narrativos - 6º ano 2008	Araújo-Chiuchi, 2012	Mestrado	Usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos da quinta série/ sexto ano do Ensino Fundamental
Textos narrativos - 6º ano e 9º ano	Francisco, 2024	Mestrado	Vírgulas em esquema simples: usos em textos narrativos

No Quadro 1, visualizamos a contribuição desta dissertação para a linha de pesquisa e para a área de pesquisa na qual se insere. No conjunto de pesquisas do grupo, a descrição de usos convencionais e não convencionais da vírgula no 6º e no 9º ano do EF II é inédita na consideração de textos de tipologia narrativa. Sendo assim, podemos verificar que a pesquisa em questão, além de contribuir para a reflexão sobre as questões de ensino, também contribuir com o quadro mais amplo sobre os usos da vírgula no campo dos estudos linguísticos,

contribuindo para a área de análise linguística, na medida em que avança no entendimento sobre de relação entre fala e escrita de modo amplo.

Uma vez situada esta dissertação em relação à linha de pesquisa na qual se insere e aos trabalhos com os quais dialoga, passamos a tratar das características do Banco de Dados de Escrita do EF II.

3.2 Características do Banco de Dados de Escrita do EF II

O material de análise desta pesquisa pertence ao Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, projeto de extensão universitária da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) intitulado “Desenvolvimento de Oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no Ensino Fundamental”. O projeto, credenciado e financiado pela Pró-Reitoria de extensão (PROEx) da UNESP e coordenado pelas professoras Dras. Luciani Ester Tenani e Sanderleia Longhin-Thomazi, foi realizado em uma escola estadual da cidade de São José do Rio Preto, no período de 2008 a 2011. Como um dos resultados, esse trabalho possibilitou a criação de uma plataforma on-line de Banco de Dados, disponível gratuitamente em: <https://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>, por meio de um auxílio financeiro da FAPESP (Processo nº 2013/14.564-5). O Banco de Dados é formado por 5.519 textos produzidos por 622 alunos da Escola Estadual Zulmira da Silva Salles, organizados para constituir uma amostra transversal e outra longitudinal.

O projeto de extensão foi criado com o propósito de realizar oficinas de leitura e de escrita para os alunos da escola discutirem aspectos mais gerais do texto, isto é, tipologias, gêneros textuais e temáticas das redações, e aspectos mais específicos, como pontuação e ortografia. Além disso, ao final dessa interação, as coordenadoras desse trabalho esperavam que as produções textuais fossem coletadas, para que, no futuro, pudessem ser utilizados como material de investigação de estudos acadêmicos interessados em analisar aspectos da escrita, como ortografia e pontuação (Tenani e Longhin, 2014). Sendo assim, essas propostas serviriam para atender a comunidade externa e para contribuir com a comunidade acadêmica.

Em relação à criação do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, vale considerar que as atividades desenvolvidas pelos alunos foram embasadas na concepção de escrita como modo de enunciação, como propõe Corrêa (1997). As propostas textuais foram desenvolvidas pelas coordenadoras do projeto com o auxílio de alunos voluntários/bolsistas do Projeto de Extensão – IBILCE/UNESP, e baseadas na Proposta Curricular do Estado de

São Paulo (2008), com base na tipologia textual prevista para cada ano da segunda etapa da educação básica.

3.3 Natureza do material de análise

Após delimitadas as características do Banco de Dados do qual extraímos a amostra semi-longitudinal de textos desta investigação, passamos a tratar da natureza do material de análise selecionado para esta pesquisa. A fim de descrever e analisar o funcionamento das vírgulas convencionais e não convencionais desta amostra, consideramos os conjuntos de textos a partir de propostas de tipologia narrativa. Como o trabalho com o sistema de pontuação e o conhecimento sobre a tipologia narrativa são requisitados no Ensino Fundamental II por documentos responsáveis pela educação no Brasil, e, considerando que as análises sobre o emprego da vírgula já foram desenvolvidas sobre outras tipologias textuais, como os trabalhos de Araújo-Chiuchi (2012), Soncin (2014), Carvalho (2019), Paiva (2021) e Camillo (2023), consideramos a tipologia narrativa como material de análise deste trabalho.

O material desta pesquisa compreende 174 textos, selecionados da amostra semi-longitudinal, produzidos por alunos do Ensino Fundamental II, em duas etapas distintas de sua formação. No ano de 2008, os estudantes, com 10-11 anos, que cursavam, à época, a 5ª série (atualmente, 6º ano), produziram 87 textos a partir da proposta “Rompimento amoroso”. No ano de 2011, esses mesmos alunos, já com 13-14 anos, que cursavam, à época, a 8ª série (atualmente, 9º ano), produziram outros 87 textos a partir da proposta “Aventura em terra distante. Ambas as propostas, apesar de serem produzidas em momentos distintos, pelos mesmos alunos, solicitaram a mesma tipologia textual, a narrativa, um dos tópicos do conteúdo pedagógico previsto para os anos letivos.

As propostas textuais do Banco de Dados de Escrita foram elaboradas com base na tipologia textual prevista para cada ano letivo, como prevê a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), documento vigente no momento das produções dos textos para o Estado de São Paulo. Dessa forma, em relação às propostas do Banco de Dados, os alunos do 6º e 7º anos foram os que mais produziram textos a partir de tipologia narrativa. Além disso, para propiciar eventuais estudos semi-longitudinais como este, os textos de tipologia narrativa foram propostos para alunos nos anos finais do ensino (9º ano).

Com o tema “amor” e com uma história em quadrinhos abordando a fuga de um casal de namorados, foi proposto que os alunos da 5ª série (atualmente, 6º ano) produzissem um

texto que desse continuidade à história, a partir da visão de um dos personagens. Dessa maneira, os estudantes tiveram a oportunidade de organizar os fatos de modo detalhado e de acordo com o seu ponto de vista.

Para a produção dos textos sobre a proposta “Aventura em terra distante”, os alunos da 8ª série (atualmente, 9º ano) foram submetidos a contação de uma narrativa cujo personagem principal, que utilizava a esperteza para obter fama ou proveito próprio, vivia uma aventura em um país distante. A partir dessa história, utilizando a imaginação para expor os detalhes do ocorrido, foi proposto que os estudantes escrevessem uma narrativa sobre uma aventura em terra distante.

Após a exposição da natureza do material de análise, isto é, de como os textos narrativos foram produzidos nas duas etapas distintas do Ensino Fundamental II, passamos a tratar das características do gênero narrativo na próxima seção.

3.4 Caracterização da tipologia textual

A fim de avançar na descrição do funcionamento das vírgulas em esquema simples (convencionais ou não convencionais) é proposto, nesta dissertação, o estudo detalhado do conjunto de textos produzidos a partir de proposta que solicitava a tipologia narrativa. A seleção desta tipologia se dá em função de pesquisas anteriores terem analisado mais detalhadamente texto de tipologia argumentativa. Desse modo, esta pesquisa se particulariza por investigar se, em textos de tipologia narrativa, os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típica de enunciados falados.

Para construção do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II e, conseqüentemente, a categorização das produções textuais dos estudantes, foi adotada a classificação “tipologia textual”. Essa identificação resulta de orientações estabelecidas pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) para o ensino de Língua Portuguesa. De acordo com o documento oficial, o ensino da língua materna deve ser baseado no trabalho com diferentes textos, assumindo a visão teórica-metodológica de que estes são organizados em tipologias textuais características. O documento defende a visão de que a tipologia textual é composta por um conjunto de enunciados com formação interna semelhante, elencados em cinco tipos: a narrativa, o relato, a prescrição, a exposição e a argumentação.

Em cada tipologia textual, associa-se um conjunto de gêneros textuais, podendo-se agrupar a um determinado tipo de texto de acordo com a organização, funcionamento e

composição interna em comum. Sendo assim, gênero textual é caracterizado como um tipo de texto. A perspectiva adotada pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) dispõe a relação entre tipologia e gênero textual, como observado no trabalho de Marcuschi (2001).

Nesta dissertação, a tipologia narrativa é considerada como um critério de seleção do material do banco para composição do corpus da pesquisa. Esse recorte não é um critério analítico, ou seja, não analisaremos a composição dos textos para a interpretação dos dados de vírgula. Nesta dissertação, partiremos da ocorrência da vírgula ou da sua ausência para problematizar possíveis relações entre fala e escrita instauradas nos textos de tipologia narrativa do EF II. As informações trazidas a partir do desenvolvimento deste trabalho contribuirão para a construção de uma visão panorâmica sobre os sinais de pontuação, em específico sobre a vírgula, nos diferentes tipos textuais ao lado de demais estudos já referenciados no Quadro 1, anteriormente.

Faz-se necessário, ainda, explicitar as razões que nos levaram à escolha da tipologia narrativa e à seleção dos textos para esta pesquisa. No que diz respeito à Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) propõe que o estudo do texto seja o ponto de partida para que haja o ensino/aprendizagem dos conteúdos e o desenvolvimento de competências de leitura e escrita.

Destacamos que de acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo, no período escolar do Ensino Fundamental II é previsto o trabalho com o sistema de pontuação e, especificamente, no sexto ano, o trabalho com a tipologia narrativa para que o aluno tenha domínio da organização de fatos ao longo do tempo. Nesta Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2019), é dada ênfase ao conhecimento sobre a tipologia narrativa ao final do Ciclo II do Ensino Fundamental II: “Utilizar, ao produzir textos em diferentes gêneros, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação, etc.”, visando levar o aluno a utilizar os sinais de pontuação nos textos narrativos durante sua trajetória escolar. Desse modo, conclui-se a necessidade de relacionar a tipologia narrativa e as vírgulas para a aprendizagem do estudante. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (2018) e o Currículo Paulista (2019), documentos recentemente publicados pelo governo federal e do estado de São Paulo, prevêem competências específicas para o Ensino Fundamental.

No que concerne à escolha da tipologia narrativa, encontramos respaldo no documento da Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 84-87), que destaca algumas competências específicas exigidas pelos alunos na segunda etapa da educação básica, dentre elas: a leitura e a produção de textos escritos que circulam em diferentes campos de atuação, de modo que os

estudantes consigam se expressar e partilhar experiências, ideias e sentimentos, garantindo, assim, o direito a uma formação humana integral no contexto das experiências básicas de linguagem. Como o trabalho com a narrativa é priorizado no 6º ano do Ensino Fundamental II, e, ao final dessa etapa, o conhecimento sobre essa tipologia textual é enfatizado, esta pesquisa é congruente com a proposta curricular.

A fim de descrever esse funcionamento das vírgulas (convencional ou não) nessa amostra, tencionamos, nesta pesquisa, o estudo detalhado do conjunto de textos a partir de propostas de tipologia narrativa, essa caracterizada como a exposição de acontecimentos ou fatos de modo detalhado através da descrição de lugar, tempo e ações de personagens, segundo Travaglia (2014). De acordo com o documento da Base Nacional Comum Curricular, a narração diz respeito a diferentes modos de se contar uma história por meio da organização do espaço, do tempo e das personagens envolvidas (Base Nacional Comum Curricular, 2018 p. 138). Considerando resultados anteriores obtidos por meio da análise de vírgulas em textos de tipologia argumentativa e descritiva, como os trabalhos de Soncin (2014), Carvalho (2019), Paiva (2021) e Camillo (2023), esta pesquisa visa caracterizar regularidades de usos de vírgulas em esquema simples em textos do gênero narrativo, e, assim, promover uma discussão com o intuito de contribuir sobre o funcionamento desse sinal de pontuação na tipologia narrativa.

A partir da exposição dos critérios utilizados para a seleção do material de análise, passamos a tratar dos critérios utilizados para a delimitação do material de análise.

3.5 Delimitação do objeto de análise

Após a exposição dos critérios de seleção dos textos para compor o corpus, passamos a tratar do modo como procedemos para delimitar o objeto de análise.

Nos textos, identificamos as estruturas sintáticas em que as vírgulas em esquema simples devem ser empregadas. O esquema simples de vírgulas caracteriza-se por haver uma posição para o seu emprego dentro da estrutura sintática, isto é, o emprego na fronteira direita da estrutura sintática mobilizada. Dessa forma, temos o principal objetivo de investigar se, em textos de tipologia narrativa, os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típicas de enunciados falados. Sendo assim, o intuito deste estudo é analisar os usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II, mas, também, investigar a ausência de vírgulas entre as estruturas, pois essa análise é significativa.

Em relação à classificação dos dados, realizamos um levantamento quantitativo dos seguintes critérios: i) presença de vírgulas convencionais e não convencionais e ausências de vírgulas (não convencional); ii) estruturas sintáticas mobilizadas pela presença (convencional e não convencional) e pela ausência (não convencional) da vírgula; iii) fronteiras prosódicas relacionadas à fronteira sintática em que vírgulas são empregadas. No quadro abaixo (1) apresentamos as possibilidades das classificações das vírgulas de acordo com o critério (i).

Quadro 2 - Possibilidades de usos da vírgula

Classificação das vírgulas	Classificação dos usos das vírgulas	Classificação pela Gramática Normativa (BECHARA, 1999)
Presença	Uso convencional	Acerto pela presença
Presença	Uso não convencional	Erro pela presença
Ausência	Uso não convencional	Erro pela ausência

Fonte: Adaptado de Carvalho (2019, p. 66).

No que se refere à classificação dos dados quanto ao tipo de estrutura sintática, critério (ii), Carvalho (2019) ancora-se em um conjunto de regras sintáticas de usos da vírgula prevista pela gramática tradicional de Bechara (1999), mas opta por organizar um levantamento quantitativo das fronteiras de acordo com o potencial de segmentação de estruturas em partes de um texto, já que considera o critério sintático como insuficiente para capturar o complexo funcionamento da vírgula. Sendo assim, a autora considera as regras sintáticas para fazer o levantamento quantitativo, mas os organiza de acordo com as categorias que levam em conta as delimitações da vírgula. Este trabalho também assume esta organização dos dados, visto o funcionamento complexo da vírgula. O quadro (2) exemplifica as estruturas sintáticas consideradas para a análise dos dados.

Quadro 3 - Classificação dos dados de vírgulas em esquema simples

ESTRUTURAS SINTÁTICAS	EXEMPLOS
Enumeração	“[...] eles foram presos por formação de quadrilha, contrabando de arma, formação de (cocaina) cocaina, (machonha)maconha.” (Z08_5A_07M_01)

Adjuntos adverbiais	“Depois de 1 ano Ø eles foram pressos de (nomo) novo.” (Z08_5A_07M_01)
Coordenação de orações	“Salamita começou a dar presão no futuro marido , mas ele ficou nervoso [...]” (Z08_5B_07M_01)
Deslocamento à esquerda	“[...] passou um mês Ø as pessoas foram ao castelo e a árvore estava repleta de dinheiro [...]” (Z11_8B_19M_04)
Subordinação de orações	“[...] quando Juvêncio olhou para atrás Ø Marcia estava sendo presa [...]” (Z08_5B_02F_01)
Orações subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio	“Chegando na cidade , sua mulher entrou em trabalho de parto [...]” (Z11_8C_24F_04)
Vocativo	“– Marília , quer se casar comigo?” (Z08_5C_39F_01)
Aposto	“Preocupado com o filho Samuel falou com sua esposa e decidiram partir para San Vito , cidade aonde o rei vivia.” (Z11_8C_24F_04)
Conjunção	Então Ø o cavalo Francisco deu um pulo e derrubou seu Fred Gruguer no chão [...] (Z08_5C_01M_01)
Entre sujeito e predicado	“[...] a Marília , ela ficou mas de 3 semanas no hospital [...]” (Z08_5B_04M_01)
Entre verbo e complemento	“Todos os dias ela andava pelas ruas daquela cidade , com um só objetivo, encontrar seu amor.” (Z11_8E_02F_04)
“E” entre orações de mesmo sujeito	“[...] ele conseguiu construir sua maquina de dinheiro , e começou seu trabalho [...]” (Z11_8C_06F_04)

Fonte: Adaptado de Carvalho (2019, p. 69).

LEGENDA:

Ø: indica a ausência da vírgula

, (vírgula com realce amarelo): indica o uso convencional de vírgula

, (vírgula com realce vermelho): indica o uso não convencional de vírgula.

Cabe abordar, ainda, a classificação dos dados em relação às fronteiras prosódicas relacionadas à fronteira sintática em que as vírgulas estão presentes, critério (iii). Nos exemplos abaixo, independentemente de ter ou não vírgulas, as fronteiras sintáticas correspondem a fronteiras de frase entoacional (I). Listamos ocorrências em que as três

possibilidades de emprego se observam, a saber: (i) presença convencional, quando se tem o emprego na posição prevista pela convenção, como em (1); (ii) presença não convencional, quando se tem o emprego na posição não prevista pela convenção, como em (2); (iii) ausência não convencional, quando não se tem o emprego na posição prevista pela convenção, como em (3), sendo a ausência indicada por $\emptyset$.

1. [Chegando no hospital] I [o médico atendeu a moça rapidamente] I
(Z08_5A_02M_01)
2. [Eu só queria] I [pegar você] I (Z08_5E_06F_01)
3. [Juvêncio] I [pare] I (Z08_5D_02M_01)

Como proposto inicialmente por Nespor e Vogel (2007), a frase entoacional (I) é definida a partir do algoritmo de formação que estabelece a interface entre a sintaxe e a fonologia. A formação de frases entoacionais é baseada em informações sintáticas e se dá a partir do agrupamento e da organização de frases fonológicas, domínio pertencente ao nível inferior na hierarquia prosódica. De acordo com as autoras, as fronteiras finais de uma frase entoacional coincidem com o lugar em que as pausas podem ser inseridas. Estudos anteriores que adotaram a mesma abordagem teórica (Araújo-Chiuchi, 2012; Carvalho, 2019) argumentam que I é o principal domínio prosódico que tem relação com o emprego da vírgula. O constituinte frase fonológica (ϕ) também se mostrou pertinente para descrever as fronteiras prosódicas em que as vírgulas são empregadas, de maneira convencional ou não. Na análise dos dados, a fronteira de frase entoacional (I) foi considerada mais relevante.

Ao delimitar, nesta seção, o objeto de análise, passamos a outra questão importante para este estudo: definição das características do sinal de pontuação vírgula.

3.6 Definição de características da vírgula

Após delimitarmos o objeto de análise desta dissertação, passamos a tratar das principais características do sinal de pontuação vírgula.

Apesar de ser um dos sinais de pontuação mais usados, a vírgula, em relação aos demais, configura-se como o sinal mais complexo, segundo Carvalho (2019). Ainda de acordo com a autora, a ausência de consenso entre gramáticos e estudiosos da língua sobre as regras de uso de vírgulas em determinadas estruturas sintáticas evidencia a dificuldade em empregar esse sinal de pontuação. Além de não haver consenso quanto aos usos, o funcionamento da

vírgula é variável dentro do texto, ou seja, pode atuar tanto em esquema simples (/ , /), como em “Chegando no hospital, o médico atendeu a moça rapidamente [...], quanto em esquema duplo (/ , /), como em “ninguém o reconhecia, só uma pessoa, Juliana, o que seria sua antiga namorada”. A vírgula, segundo Dahlet (2006), pode ser considerada um sinal instável e de maior complexidade sintático-semântica em comparação com os demais sinais de pontuação. Caracterizado por Dahlet (2006) como um sinal sequencial que delimita o *continuum* da escrita em segmentos, a vírgula em esquema simples configura-se como objeto de estudo desta pesquisa.

De acordo com Dahlet (2006), a vírgula, cuja função principal é segmentar e articular partes do texto, é o sinal de pontuação mais complexo de todos, como já anunciado acima, pois sua função estruturante no texto pode variar. A autora explicita que a vírgula pode funcionar entre orações ou no interior de uma mesma oração. Além dessa característica, a linguista defende que a vírgula pode ser utilizada para formar uma sequência sintático-semântica que compõe o fluxo contínuo da escrita ou para separar elementos acessórios ao fluxo dela.

De outra perspectiva, Esvael (2005), assume em sua concepção sobre a vírgula, que a função enunciativa seja a principal função desse sinal de pontuação. De acordo com a autora, no emprego da vírgula, há uma correspondência que representa a relação do escrevente com o outro e com o seu enunciador. Por meio do uso desse sinal de pontuação, o escrevente mostra-se autor de seu enunciado, como uma espécie de assinatura do próprio texto. Sendo assim, por meio dessas pistas linguísticas, o escrevente apresenta-se como sujeito que pode intervir na constituição de sua própria escrita.

De acordo com Esvael (2005), ao empregar a vírgula nos enunciados, o escrevente marca relações em forma de diálogo que podem apresentar sob aspectos prosódicos, sintáticos e semânticos. Embasada nessa perspectiva, a autora considera que essa função enunciativa da vírgula promove a associação entre os diferentes aspectos da linguagem.

No trabalho de Soncin (2008), a autora caracteriza a vírgula como o sinal de pontuação que mais apresenta desacordo nas regras que guiam o seu emprego por parte das diferentes gramáticas. O trabalho da pesquisadora mostrou que os textos de alunos apresentam uma variação entre erros e acertos quanto ao emprego desse sinal de pontuação a depender da gramática de referência. A análise de Soncin (2008) evidencia que essa variação pode ser motivada pela falta de esclarecimento, pela convenção gramatical, de que a vírgula: i) pode ser empregada entre orações e no interior delas; ii) atua na relação entre enunciados falados e escritos; iii) se relaciona às várias dimensões da linguagem. Assim, conclui-se que o estudo

desse objeto se torna essencial para (futuros) professores entenderem as principais dificuldades dos estudantes a fim de saná-las.

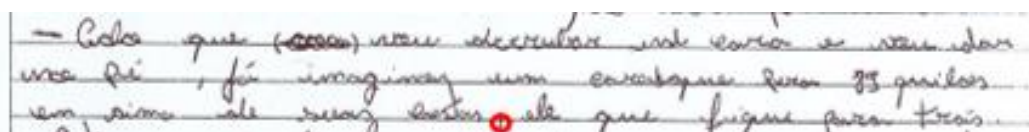
Ao delimitar, nesta seção, as principais características do objeto de investigação desta pesquisa, passamos a outra questão, também relevante: os passos metodológicos adotados para a realização da análise dos dados.

3.7 Passos metodológicos adotados na análise das vírgulas

Nesta seção, passamos a tratar das decisões metodológicas tomadas para a identificação e classificação dos dados de vírgula em esquema simples.

Inicialmente, foi feita a leitura de todos os textos que compõem o corpus deste estudo. Em seguida, realizamos a identificação dos dados de vírgulas em esquema simples de acordo com o ano em que as propostas foram escritas. Sendo assim, classificamos os dados encontrados em textos escritos pelos alunos no 6º ano e no 9º ano do EF II. Depois, foi feita a identificação de estruturas em que a vírgula ocorre ou deveria ocorrer nos 174 textos do material de análise. Posteriormente à identificação, classificamos os dados em categorias convencionais e não convencionais (pela presença e pela ausência) de acordo com as prescrições das gramáticas de referências que tratam dos usos de vírgulas em esquema simples. Identificamos 455 estruturas e descartamos 07 porque não foi possível atribuir sentido ao trecho sob análise, como por exemplo:

Figura 2. Exemplo de dado excluído da análise



Fonte: (Z08_5C_01M_01)

Leitura do trecho analisado: Acho que (rasura)* vou derrubar esse cara e vou dar no pé, já imaginou um cara que pesa 89 quilos em cima de suas costas, ele que fique para trás.

No trecho acima, a dificuldade em atribuir sentido à sentença está relacionada à falta de delimitação das estruturas por outros sinais de pontuação. Nas orações, o aluno utilizou a vírgula no lugar de outros sinais de pontuação, como o ponto. Sendo assim, verificamos que a sentença não mostra exemplos de usos relevantes para a pesquisa.

No processo de identificação e classificação sintática, além da impossibilidade de atribuir sentido ao trecho analisado, também houve dificuldade para identificar determinadas

estruturas sintáticas. Em 448 estruturas, descartamos 03 dados porque não tivemos certeza para classificar a estrutura sintática, como por exemplo:

Figura 3. Exemplo de dado excluído da análise



Fonte: (Z08_5B_04M_01)

Leitura do trecho analisado: a Marília, ela ficou mas de 3 semanas no hospital

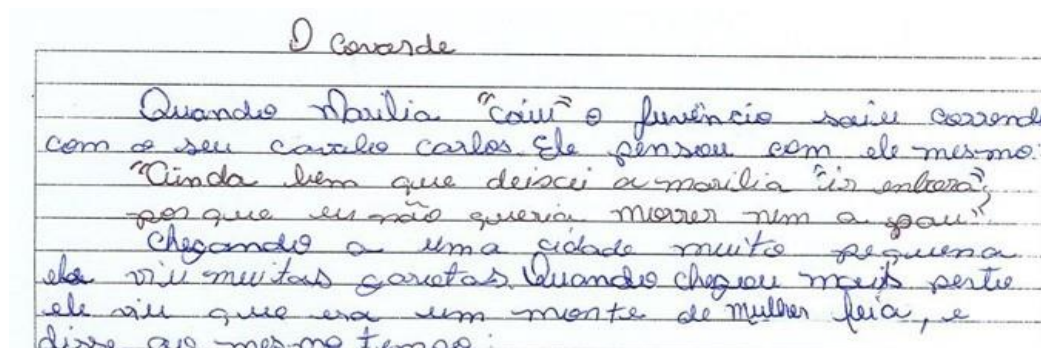
A dificuldade para classificar o trecho acima está relacionada ao fato de ser uma estrutura de tópico-comentário, típica de enunciados falados. Como estávamos nos amparando somente nos critérios encontrados na gramática de Bechara (1999) para esse levantamento, houve dificuldade para classificar sintaticamente essa estrutura, pois demandava considerar uma organização sintática do texto falado que não é contemplada nessa gramática. Sendo assim, por uma questão de decisão metodológica, excluímos esse dado e dois outros que não apresentavam total clareza quanto à identificação da estrutura sintática.

Por contemplar, além de critérios sintáticos, os critérios fonológicos usados em pesquisas anteriores, neste trabalho, adotamos a gramática de Bechara (1999). A seleção de uma gramática em detrimento da outra está baseada na constatação de haver variação nas normas de usos de vírgulas entre as diferentes gramáticas. Já foi atestado que a quantidade de dados varia de acordo com a gramática adotada como referência (Soncin, 2008). Dessa forma, os dados de vírgulas foram identificados e classificados de acordo com as regras gramaticais contempladas por Bechara (1999), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*. Definimos, assim, uma gramática como escolha metodológica que não visa estabelecer parâmetro de correção dos textos analisados, mas parâmetro para identificar e descrever os usos da vírgula quanto a critérios sintáticos e fonológicos. A identificação da função enunciativa das vírgulas, como proposto por Chacon (1998) e Esvael (2005), e sobre a qual tratamos na fundamentação teórica a partir da caracterização feita por Araújo-Chiuchi (2012) na seção 2.2, não será critério de análise, mas será referenciada quando nos for possível detectá-la nos usos de presença não convencional da vírgula, na seção de descrição dos dados 4.1.

Após a classificação dos dados nas respectivas categorias, identificamos 445 dados que se caracterizam por estruturas sintáticas em que esses usos se verificam. Em seguida, descrevemos essas estruturas sintáticas em que há emprego convencional (pela presença) e não convencional de vírgula (pela presença ou pela ausência) com o intuito de observar possíveis tendências de usos de acordo com determinadas estruturas.

A seguir, exemplificamos a análise que fizemos a partir da seleção de um texto do material selecionado.

Figura 4. Exemplo de estruturas sintáticas identificadas



Fonte: (Texto: Z08_5C_39F_01)

Leitura do trecho em análise: Quando Marília “caiu” o Juvêncio saiu correndo com o seu cavalo Carlos. Ele pensou com ele mesmo: “Ainda bem que deixei a Marília “ir embora” por que eu não queria morrer nem a pau. Chegando a uma cidade muito pequena ele viu muitas garotas. Quando chegou mais perto ele viu que era um monte de mulher feia, e disse ao mesmo tempo:

No texto acima, é possível identificar empregos de vírgulas em esquema simples e classificá-los como convencional e não convencional. No trecho “Quando Marília ‘caiu’ Ø o Juvêncio saiu correndo com o seu cavalo”, há ausência não convencional da vírgula, uma vez que a vírgula deveria ser usada na fronteira entre orações: a estrutura “quando Marília caiu” é uma oração subordinada adverbial anteposta à sentença principal a que se vincula “o Juvêncio saiu correndo com o seu cavalo”.

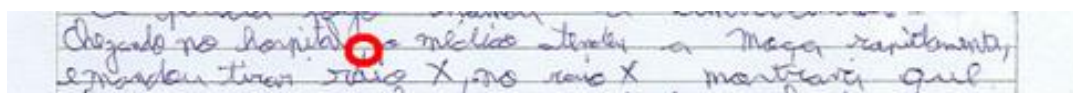
No trecho “Ainda bem que deixei a Marília ‘ir embora’**,** porque eu não queria morrer nem a pau.”, a vírgula empregada pode ser considerada convencional, uma vez que delimita a fronteira de coordenação entre as estruturas. Essa classificação se deve ao fato de o sinal de pontuação em questão estar de acordo com a gramática de referência adotada. Já no trecho “[...] ele viu que era um monte de mulher feia**,** e disse ao mesmo tempo [...]”, a presença da vírgula pode ser considerada não convencional, visto que delimita estruturas de mesmo sujeito, não seguindo a regra sintática segundo a qual não há vírgula nessa fronteira sintática, conforme a gramática de referência adotada.

Em relação à gramática de referência adotada, para considerar os usos como convencionais ou não convencionais, tomamos como base a gramática de Bechara (1999). Vale acrescentar que a quantidade de dados varia de acordo com a gramática adotada como referência, segundo Soncin (2008). A autora analisa diferentes gramáticas e observa: i) que há regras apresentadas em algumas gramáticas que não constam nas demais; ii) que determinadas gramáticas classificam alguns usos como obrigatórios e outros, como facultativos; iii) que há

Leitura do trecho de análise: Por que ela falava, demais!

A partir disso, procedemos a identificação de qual fronteira prosódica correspondia à fronteira sintática em que havia uso da vírgula de maneira convencional ou não convencional. No exemplo abaixo, demonstramos o estabelecimento dessa relação entre uma fronteira sintática e uma fronteira prosódica.

Figura 7. Uso convencional da vírgula em fronteira de frase entoacional (I)



Fonte: (Z08_5A_02M_01)

Leitura do trecho analisado: Chegando no hospital, o médico atendeu a moça rapidamente e mandou tirar raio x

Na Figura 4, podemos identificar o uso convencional da vírgula em esquema simples na fronteira sintática de oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio. Com base no algoritmo de formação de I, a fronteira sintática da oração subordinada corresponde à fronteira de I, já que essa estrutura configura uma I independente. Dessa forma, nesse dado, há o emprego convencional da vírgula em esquema simples na fronteira sintática de oração subordinada a qual corresponde à fronteira de I.

Em seguida, quantificamos as fronteiras prosódicas com o intuito de identificar regularidades sobre os domínios prosódicos relacionados às fronteiras de usos de vírgulas em esquema simples. Para realização dessa etapa, nos ancoramos em trabalhos que tratam do fraseamento prosódico do Português Brasileiro (Tenani, 2002) para verificar como a configuração prosódica dos enunciados falados auxilia na interpretação de dados de vírgula em esquema simples em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental II.

Após a conclusão das etapas expostas anteriormente, procedemos à explicitação das similaridades e diferenças que possam ser pertinentes para explicitar o funcionamento linguístico de usos de vírgulas em esquema simples na tipologia textual narrativa. Essa descrição linguística pretende contribuir com futuros trabalhos sobre as vírgulas na tipologia narrativa para tratar sobre o ensino da pontuação.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, temos o objetivo de investigar se, em textos de tipologia narrativa os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típica de enunciados falados. Apresentamos evidências da função do sinal de pontuação, apontando fronteiras sintáticas e prosódicas relevantes para a descrição do uso da vírgula de uma perspectiva semi-longitudinal. Desse modo, o capítulo divide-se em três principais seções. Em 4.1, há a discussão sobre os aspectos gerais sobre os usos convencionais e não convencionais de vírgulas em esquema simples. Adiante, em 4.2, há a descrição e a análise da complexidade sintática do emprego da vírgula. Por fim, na seção 4.3, tratamos das complexidades prosódicas que estão relacionadas aos usos de vírgulas em esquema simples.

4.1 Características semi-longitudinais e prosódicas da vírgula: aspectos gerais

Nesta seção, pretendo responder aos meus objetivos específicos, que são: i) identificar e descrever os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema simples nos textos narrativos; (ii) identificar as principais estruturas sintáticas, reconhecidas pelo aluno, que requerem o emprego da vírgula em esquema simples; (iii) identificar a relação entre as estruturas sintáticas e os constituintes prosódicos a partir dos usos da vírgula em esquema simples; (iv) a partir do contraste entre os dados de vírgulas do ano inicial (6º ano) e os dados de vírgulas do ano final do EF II (9º ano), investigar para quais estruturas linguísticas os usos se alteram ou permanecem os mesmos, de modo a verificar tendências desses usos respectivamente. Iniciamos essa etapa com a descrição, de maneira semi-longitudinal, da distribuição dos dados de vírgulas na amostra. Para isso, consideremos a Tabela 1, na qual são apresentadas as frequências absolutas e percentuais obtidas no processo de identificação dos tipos de ocorrências de vírgulas, convencional ou não convencional, para o conjunto de 445 dados de vírgulas em esquema simples levantado.

Tabela 1. Total de vírgulas convencionais e não convencionais por ano letivo

Anos letivos	C (%)	NCA (%)	NCP (%)	TOTAL (%)
6º ano	40 (21)	130 (68)	22 (11)	192 (100)
9º ano	98 (39)	137 (54)	18 (07)	253 (100)

TOTAIS	138 (31)	267 (60)	40 (9)	445 (100)
---------------	----------	----------	--------	-----------

Fonte: elaboração própria

C: uso convencional; NCA: uso não convencional por ausência; NCP: uso não convencional por presença.

Da Tabela 1, destacamos que, das 445 ocorrências de ausências e presenças da vírgula, 31% da amostra é constituída por ocorrências convencionais, 60% de usos não convencionais pela ausência e apenas 9% de usos não convencionais pela presença. Sendo assim, a quantificação dos dados indica que os empregos não convencionais de vírgulas em esquema simples constituem mais de dois terços de dados da amostra de textos analisada (69%). A regularidade de os dados não convencionais ocorrerem em maior proporção quando comparados aos convencionais, também é encontrada no trabalho de Carvalho (2019, p.96), que analisa textos de tipologia relato. Sendo assim, interpretamos que a ocorrência de dados não convencionais prevalece nos empregos de vírgulas em esquema simples nos textos analisados.

Em relação aos usos convencionais de vírgulas em esquema simples, podemos destacar que os alunos empregam o sinal de pontuação em questão de acordo com as regras sintáticas ensinadas pela escola com maior frequência no último ano letivo (9º ano) - (39%), se comparado ao início (6º ano) - (21%) da segunda etapa do EF II. A partir desses dados, interpretamos que os resultados são justificados pela circulação dos alunos por práticas letradas, mais especificamente, as relacionadas ao emprego dos sinais de pontuação que tipicamente ocorre com a apresentação das regras sintáticas no último ano do EF II, como também defendido por Carvalho (2019).

No que diz respeito aos dados não convencionais pela ausência, a comparação entre os usos de vírgulas nos dois anos letivos do EF II mostra que há uma pequena diminuição do não emprego convencional da vírgula no último ano em questão. A partir da Tabela 1, temos que, no 6º ano, 68% são empregos não convencionais pela ausência; já no 9º ano, o não emprego convencional diminui para 54%. Interpretamos que o contato com práticas letradas e escritas e o avanço da escolarização refletem na escrita do aluno, trazendo efeitos para as suas produções textuais, como o aumento dos usos convencionais da vírgula. Essa consideração também é feita no estudo de Carvalho (2019) para a investigação na tipologia relato. Portanto, os dados descritos a partir de textos de tipologia narrativa corroboram os resultados descritos por Carvalho (2019) a partir de textos de tipologia relato.

Em síntese, podemos considerar, a partir da Tabela 1, duas interpretações para os usos de vírgula em esquema simples nos anos letivos selecionados: a) a maior ocorrência de dados não convencional de vírgulas em esquema simples é por ausência; b) a utilização da vírgula em esquema simples é considerada mais convencional (31%) do que não convencional (9%). No sexto ano do EF II, os usos não convencionais (por presença e por ausência) aparecem em maior proporção (79%) do que os usos convencionais (21%). Esse fato também é observado no último ano letivo do EF II, já que os usos não convencionais (por presença e por ausência) totalizam quase dois terços (61%) se comparado a usos convencionais (39%). Quando comparamos os de vírgula pela presença, isto é, quando os alunos empregam a vírgula, podemos observar que os usos convencionais prevalecem tanto no sexto ano (21%) quanto no 9º ano (39%), quando comparados aos usos não convencionais pela presença, (11%) e (7%), respectivamente. A observação desses dados nos leva à interpretação de que os usos não convencionais pela ausência podem estar relacionados, no 6º ano, à falta de contato com práticas letradas (regras sintáticas) ou com a não coincidência entre as motivações sintáticas, prosódicas e enunciativas. Essa última interpretação também pode estar relacionada aos empregos não convencionais pela ausência no 9º ano do EF II. Já a maior porcentagem de usos convencionais por presença pode estar relacionada ao contato com práticas letradas e à coincidência das motivações sintáticas, prosódicas e enunciativas.

Quanto à distribuição do uso da vírgula em fronteiras sintáticas, investigamos em quais contextos sintáticos houve o uso da vírgula em textos narrativos escritos por alunos nos dois anos letivos selecionados do EF II. Abaixo, a Tabela 2 apresenta as estruturas sintáticas em que há usos convencionais e não convencionais (pela ausência) de vírgula em esquema simples.

Tabela 2. Usos de vírgula por ano letivo

Estruturas		6º ano		9º ano		TOTAL
		C	NCA	C	NCA	
- Enumeração		11 (69)	00 (00)	04 (25)	01 (06)	16 (100)
- Adjuntos deslocados	adv.	02 (02)	39 (30)	26 (20)	62 (48)	129(100)
- Coordenação orações	de	10 (15)	13 (20)	32 (48)	11 (17)	66 (100)

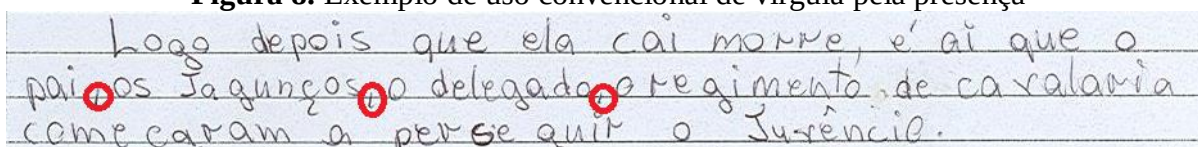
- Deslocamento à esquerda	0 (00)	00 (00)	05 (63)	3 (37)	08 (100)
- Subordinação de orações	11 (13)	41 (46)	18 (20)	19 (21)	89 (100)
- Orações Subord. Adv. Reduzidas de gerúndio	01 (08)	06 (46)	03 (23)	03 (23)	13(100)
- Vocativo	04 (15)	15 (58)	06 (23)	01 (4)	26 (100)
- Aposto	00 (00)	00 (00)	01 (50)	01 (50)	02 (100)
- Conjunção	01 (02)	16 (05)	03 (05)	36 (64)	56 (100)
TOTAL	40 (10)	130(32)	98 (24)	137(34)	405 (100)

Fonte: elaboração própria

Os valores na Tabela 2 levam-nos a observar que, para um grupo reduzido de estruturas, há o predomínio do uso de vírgula convencional, e, para grupo maior, prevalece a ausência não convencional de vírgula. Na primeira etapa do EF II, em contextos de enumeração (69%), é regular haver predominância de uso convencional de vírgula. Em contrapartida, em contextos de adjuntos adverbiais deslocados (30%) e subordinação de orações (46%), a tendência é não haver vírgulas. Já na última etapa do EF II, em contextos de enumeração (25%), coordenação (48%) e subordinação de orações (20%), há o emprego convencional de vírgulas. No entanto, entre adjuntos adverbiais deslocados (48%) e entre conjunções (64%), predomina a ausência de vírgulas. A seguir, exemplificamos cada uma das tendências observadas: dados (1) a (3) selecionados de textos do 6º ano e dados de (4) a (8), de textos do 9º ano.

(1) Estrutura: enumeração. Presença convencional de vírgula.

Figura 8. Exemplo de uso convencional de vírgula pela presença



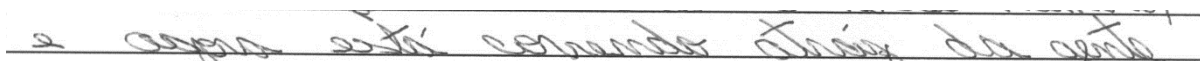
Fonte: Texto Z08_5A_11F_01

Leitura do trecho analisado: “[...] o pai, os Jagunços, o delegado, o regimento de cavalaria começaram a perseguir o Juvêncio.”

O trecho “[...] o pai, os Jagunços, o delegado, o regimento de cavalaria começaram a perseguir o Juvêncio” é considerado exemplo de uso convencional pela presença de vírgula, pois o sinal de pontuação questão é empregado entre os substantivos organizados em uma lista, configurando uma enumeração dos termos: “o pai, os Jagunços, o delegado, o regimento de cavalaria”.

(2) Estrutura: adjuntos adverbiais deslocados. Ausência não convencional de vírgula.

Figura 9. Exemplo de uso não convencional de vírgula pela ausência



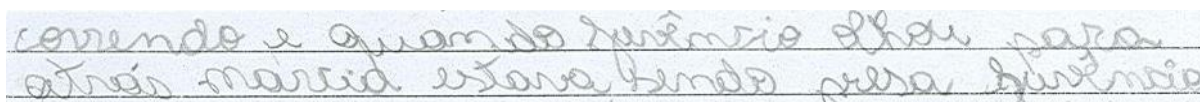
Fonte: Texto Z08_5E_06F_01

Leitura do trecho analisado: “[...] agora está correndo atrás da gente [...]”

O trecho “agora $\emptyset$ está correndo atrás da gente” é um exemplo de uso de vírgula não convencional pela ausência. O adjunto adverbial de tempo “agora” está deslocado da posição canônica dos advérbios na sintaxe do Português e, por esse motivo, a recomendação é ser delimitado por vírgulas.

(3) Estrutura: subordinação de orações. Ausência não convencional de vírgula.

Figura 10. Exemplo de uso não convencional de vírgula pela ausência



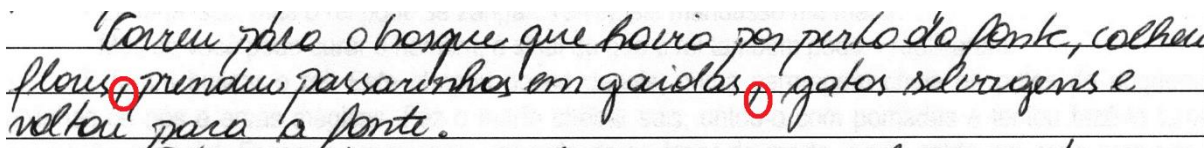
Fonte: Texto Z08_5B_02F_01

Leitura do trecho analisado: “[...] quando Juvêncio olhou para atrás Marcia estava sendo presa [...]”

No trecho “Quando Juvêncio olhou para atrás $\emptyset$ Marcia estava sendo presa”, não há a vírgula, a qual deveria ser usada na fronteira entre orações: a estrutura “quando Juvêncio olhou para atrás” é uma oração subordinada adverbial anteposta à sentença principal a que se vincula “Marcia estava sendo presa”.

(4) Estrutura: enumeração. Presença convencional de vírgula.

Figura 11. Exemplo de uso convencional de vírgula



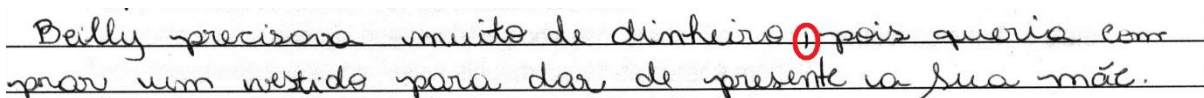
Fonte: Texto Z11_8B_04F_04

Leitura do trecho analisado: “[...] colheu flores, prendeu passarinhos em gaiolas, gatos selvagens e voltou para a fonte”

No trecho “[...] colheu flores, prendeu passarinhos em gaiolas, gatos selvagens e voltou para a fonte”, temos um exemplo de uso convencional de vírgula, uma vez que as duas orações “colheu flores, prendeu passarinhos em gaiolas” apresentam uma relação de coordenação assindética e os termos “passarinhos em gaiolas, gatos selvagens” – que complementam o verbo “predeu” – se apresentam como termos enumerados.

(5) Estrutura: coordenação. Presença convencional de vírgula.

Figura 12. Exemplo de uso convencional de vírgula



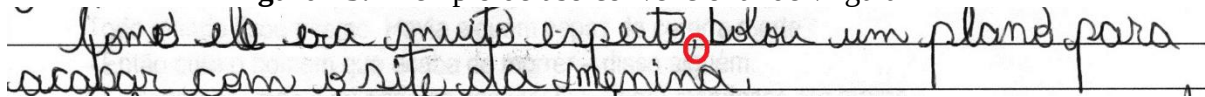
Fonte: Texto: Z11_8A_02F_04

Leitura do trecho analisado: “Beilly precisava muito de dinheiro, pois queria comprar um vestido para dar de presente a sua mãe.”

No trecho “Beilly precisava muito de dinheiro, pois queria comprar um vestido para dar de presente a sua mãe”, a vírgula empregada pode ser considerada convencional, uma vez que delimita a fronteira de orações coordenadas, sendo a segunda iniciada pela conjunção “pois”.

(6) Estrutura: subordinação de orações. Presença convencional de vírgula.

Figura 13. Exemplo de uso convencional de vírgula



Fonte: Texto Z11_8B_01M_04

Leitura do trecho analisado: “Como ele era muito esperto, bolou um plano para acabar com o site da menina”

No trecho “Como ele era muito esperto, bolou um plano para acabar com o site da menina” há um exemplo de uso convencional da vírgula, uma vez que o sinal de pontuação é empregado na fronteira entre orações: a estrutura “como ele era muito esperto” é uma oração subordinada adverbial anteposta à sentença principal a que se vincula “bolou um plano para acabar com o site da menina”. Esse deslocamento sintático deve ser sinalizado na fronteira das estruturas.

(7) Estrutura: adjuntos adverbiais deslocados. Ausência não convencional de vírgula.

Figura 14. Exemplo de uso não convencional de vírgula pela ausência

Fonte: Texto Z11_8E_02F_04

Leitura do trecho analisado: “Logo depois tentou abrir a porta do carro [...]”

O trecho “Logo depois Ø tentou abrir a porta do carro” é um exemplo de que ausência não convencional da vírgula, pois o termo “logo depois” é um adjunto adverbial na primeira posição da oração, ou seja, está deslocado da posição canônica do Português, e, por isso, deve ser delimitado por vírgula.

(8) Estrutura: conjunções. Ausência não convencional de vírgula.

Figura 15. Exemplo de uso não convencional de vírgula pela ausência

Fonte: Texto Z11_8B_04F_04

Leitura do trecho analisado: “Então quebrou a fonte e fugiu na calada da noite com tudo que havia tirado do povo enganado.”

No trecho “Então Ø quebrou a fonte e fugiu na calada da noite com tudo que havia tirado do povo enganado”, temos um exemplo de ausência não convencional da vírgula, já que a conjunção conclusiva “então” deve ser delimitada por vírgula.

Na Tabela 2, observamos ainda que, no início (6º ano) do EF II, em relação ao uso não convencional, há concentração de ausência de vírgulas entre orações subordinadas (46%) nesse subconjunto de dados. No que diz respeito ao uso não convencional no fim (9º ano) do EF II, verifica-se que há maior concentração de ausências de vírgulas entre a estrutura advérbio, chegando a 48%, enquanto as ausências entre orações subordinadas diminuem, chegando a 21% no último ano da segunda etapa do ensino básico.

No que se refere aos usos convencionais de vírgulas em esquema simples, no 6º ano do EF II, há maior recorrência de usos ligados à estrutura enumeração. Já no 9º ano do EF II, constata-se que os usos convencionais de vírgula estão presentes, de maneira mais recorrente, entre a coordenação de orações. A regularidade dos contextos de enumeração e coordenação de sentenças apresentarem usos convencionais também é destacada no trabalho de Carvalho (2019, p.102) feito a partir de textos de tipologia relato. Desse modo, com base nas interpretações de Carvalho (2019), consideramos a hipótese de que os alunos utilizam os sinais de pontuação de maneira convencional, nessas estruturas, pelo fato dessas regras sintáticas já terem sido vistas no EF I. Essa comparação sugere que os empregos convencionais de vírgulas

em esquema simples em textos escritos por alunos do EF II nos contextos de enumeração e coordenação de orações são recorrentes, independentemente da tipologia textual. Uma pesquisa sobre essa correlação entre uso da vírgula e tipologia textual poderá ser realizada visando confirmar ou refutar essa afirmação.

A comparação entre os usos nas duas etapas distintas do EF II auxilia a interpretação sobre as possíveis tendências do emprego da vírgula em textos de tipologia narrativa. Os usos convencionais com maior recorrência são as estruturas “enumeração” e “coordenação de orações”. Já os usos não convencionais, estão, em sua maioria, ligados às estruturas advérbios e às orações subordinadas. Carvalho (2019, p. 102) também destaca a regularidade de os empregos não convencionais ocorrerem em contextos de orações subordinadas em textos de tipologia relato. Em consonância com o trabalho da autora, consideramos que esses usos podem ser justificados pelo fato dessa estrutura sintática ainda não ter sido trabalhada no início do EF II. Essa hipótese, no entanto, carece de um cotejamento entre o conteúdo programático efetivamente ministrado aos alunos em confronto com os usos ora descritos. Desse modo, esta pesquisa contribui com proposta de possíveis desenvolvimentos de pesquisa sobre usos de vírgulas.

Os resultados alcançados a partir da Tabela 2 podem indicar o trânsito dos estudantes por práticas letradas/ escritas durante o Ensino Fundamental I (Corrêa, 2004). O fato de os alunos utilizarem a vírgula de maneira convencional entre estruturas de enumeração e coordenação de sentenças já se verificar como característica adquirido no início do EF II, aponta para um ganho em relação a práticas letradas sobre pontuação, isto é, regras sintáticas, que se iniciam no final da segunda etapa da educação básica. Além disso, esses resultados indicam que os estudantes, no início do EF II, já sabem utilizar a pontuação, de acordo com as regras sintáticas de emprego da vírgula, as fronteiras em questão. Porém, para as demais estruturas que requerem a utilização da vírgula, como as regras sintáticas ainda não foram trabalhadas no início do EF II, podemos observar problemas com o emprego desse sinal de pontuação (casos de deslocamento e subordinação, por exemplo).

Pelo fato de haver o emprego não convencional pela presença da vírgula somente entre algumas estruturas sintáticas da amostra, consideramos esses dados em uma tabela à parte. Essa decisão analítica é tomada de modo a favorecer a futuras aplicações didáticas no EF II. A seguir, apresentamos a Tabela 3 que mostra os usos de vírgulas em esquema simples caracterizados pela presença não convencional, isto é, as estruturas em que há o emprego de vírgulas em posições sintáticas não esperadas pela gramática de referência adotada.

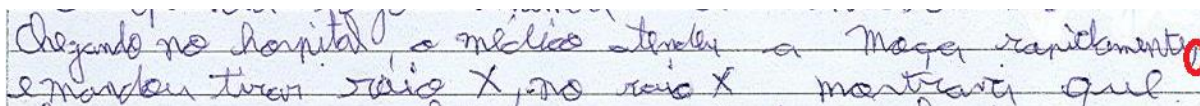
Tabela 3. Vírgulas não convencionais por presença por ano letivo

Estruturas	6º ano	9º ano	TOTAL
- Orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito	16 (76)	05 (24)	21 (100)
- Sujeito e predicado	04 (31)	09 (69)	13 (100)
- Adjunto adverbial	01 (50)	01 (50)	02 (100)
- Verbo e complemento	01 (25)	03 (75)	04 (100)
TOTAL	22 (55)	18 (45)	40 (100)

Fonte: elaboração própria

De acordo com a Tabela 3, os usos não convencionais pela presença da vírgula são mais recorrentes (55%) na primeira etapa do EF II, quando comparado à segunda etapa da educação básica. No que tange às estruturas sintáticas, no 6º ano, os usos não convencionais pela presença são mais recorrentes antes da conjunção “e” em orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito (76%), como em (9). Já no 9º ano, os empregos não convencionais pela presença são encontrados, em sua maioria, entre as estruturas sujeito e predicado (69%), como em (10). Lembramos que, com base nas regras de emprego da vírgula, os contextos em questão não são fronteiras sintáticas que exigem o uso do sinal de pontuação. Segundo a gramática de referência adotada, as orações coordenadas aditivas só devem ser delimitadas pela vírgula se os sujeitos das orações forem distintos. Além disso, não é admitido vírgula entre sujeito e predicado.

(9) Estrutura: oração aditiva de mesmo sujeito. Presença não convencional de vírgula.

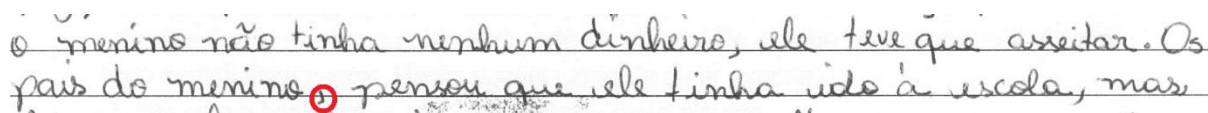
Figura 16. Exemplo de uso não convencional de vírgula pela presença

Fonte: Texto Z08_5A_02M_01

Leitura do trecho analisado: “[...] o médico atendeu a moça rapidamente, e mandou tirar raio X [...]”

(10) Estrutura sujeito e predicado. Presença não convencional de vírgula

Figura 17. Exemplo de uso não convencional de vírgula pela presença



Fonte: Texto Z11_8A_20M_04

Leitura do trecho analisado: “Os pais do menino, pensou que ele tinha ido à escola [...]”

Uma possível análise para o exemplo (9) pode ser embasada no estudo de Carvalho (2019). De acordo com a autora, a recorrência de usos não convencionais pela presença em contextos de orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito pode ser interpretada pelo tamanho da frase entoacional (I) independente e pela possibilidade de reestruturação. No exemplo (9), a longa extensão da I pode motivar a segmentação da fronteira, que recebe o sinal de pontuação em questão, já que, segundo o algoritmo de formação, proposto por Nespor e Vogel (2007), é previsto a reestruturação de uma I muito longa em duas Is para promover o equilíbrio na língua.

Possibilidade de organização de fronteira de I com base no algoritmo de formação:

[o médico atendeu a moça rapidamente,] **I** [e mandou tirar raio X] **I**

Sendo assim, a partir dos estudos de Carvalho (2019), consideramos a hipótese de que os alunos, ao empregar a vírgula de maneira não convencional entre orações coordenadas aditivas, levam em conta o tamanho da estrutura e separam as orações, reestruturando-as em duas Is.

Em relação aos usos de vírgula não convencionais pela presença entre as estruturas sujeito e predicado, consideramos a hipótese de que exista uma relação entre tópico e comentário que é prosodicamente delimitada por contornos entoacionais e, entre essas estruturas, uma pausa é possível de ser realizada, o que pode ser representado por meio de vírgulas no texto do EF II. Sendo assim, interpretamos que o aluno, ao empregar a vírgula em fronteiras não previstas pela convenção, esteja colocando em evidência uma determinada parte do enunciado em relação aos demais do texto, como em (10).

Uma possível interpretação para o exemplo (10) pode ser embasada no trabalho de Soncin (2014). A autora também encontrou dados não convencionais similares a esses e concluiu que a vírgula entre as estruturas sujeito e predicado aponta para um padrão de construção seguido em forma de tópico e comentário. De acordo com a pesquisadora, geralmente, uma nova informação é apresentada ao leitor na posição de sujeito (tópico) e, em seguida, há um desenvolvimento sobre esse sujeito (comentário). Sendo assim, a motivação do

emprego da vírgula entre as estruturas mencionadas estaria ligada a uma tentativa de marcar aquilo do que se fala (assunto) e o que se fala, isto é, desenvolvimento do assunto (comentário). Sendo assim, é possível que a inserção da vírgula na fronteira prosódica seja motivada pela tentativa do aluno de colocar em evidência a informação nova introduzida ao leitor (em posição de sujeito).

Agora, passamos a tratar da distribuição semi-longitudinal dos principais domínios prosódicos relacionados às fronteiras de usos e não usos de vírgulas em esquema simples, fator também relevante para a pesquisa. Como destacado anteriormente, para discutir sobre a pontuação, é necessário considerar a multidimensionalidade da vírgula, já que essa não se reduz apenas ao aspecto gráfico-visual, mas possui funcionalidade “polissêmica” (Chacon, 1998). Retomando a proposta deste trabalho, propomos analisar as funções do uso da vírgula, e, conseqüentemente, estabelecemos relação entre o aspecto sintático e o fônico do sinal de pontuação. Sendo assim, a partir da identificação e descrição semi-longitudinal das fronteiras sintáticas de emprego da vírgula em esquema simples, chegamos às fronteiras prosódicas que podem coincidir com a ausência ou a presença do sinal de pontuação em questão. No que diz respeito a essa organização, apresentamos na Tabela 4 os domínios prosódicos mais importantes que têm relação com o emprego da vírgula em esquema simples.

Tabela 4. Fronteiras prosódicas de usos convencionais e não convencionais (ausência/presença) de vírgulas em esquema simples em textos do EFII

	6º ano	9º ano	TOTAL
Fronteira prosódica de ϕ	7/192 (03,6%)	12/253 (4,7%)	19/445 (4,3%)
Fronteira prosódica de I	185/192 (96,4%)	241/253 (95,3%)	426/445 (95,7%)

Fonte: elaboração própria

A partir da tabela acima, conclui-se que apenas os constituintes prosódicos frase fonológica (ϕ) e frase entoacional (I), da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), são relevantes para a descrição e análise semi-longitudinal do emprego de vírgulas em esquema simples. Pelo fato de o domínio de I constituir o total de 95,7% dos dados analisados, interpretamos que é regular a coincidência de fronteiras sintáticas de emprego de vírgula com fronteiras prosódicas de frases entoacionais. Embora o domínio de ϕ também seja importante

para a descrição em questão, podemos verificar que ocorre em menor proporção 4,3% (19 ocorrências) do total de dados (445), indicando, assim, que o emprego de vírgulas em duas etapas distintas do EF II não tende a coincidir com as fronteiras de ϕ . A seguir, apresentamos um exemplo para cada tipo de fronteira prosódica.

12. [chegando lá] ϕ [Maria] ϕ [explicou] ϕ [o que havia acontecido] ϕ

13. [chegando lá] I [Maria explicou o que havia acontecido) I

O fato de vírgulas em fronteira de I ocorrer de maneira mais regular e predominar sobre as vírgulas em fronteira de ϕ pode ser interpretado, segundo Carvalho (2019), como uma demonstração da própria atuação da vírgula, que tende a ser empregada de maneira convencional em unidades linguísticas maiores do que os sintagmas. Além disso, amparados no modelo da Fonologia Prosódica, proposto por Nespor e Vogel (1986), explicitado no Capítulo 1 com base em Gayer (2015), destacamos que os constituintes prosódicos são gerados a partir de informação sintática, isto é, para se estabelecer os constituintes prosódicos, toma-se como base informações sintáticas. Lembramos que as regras de emprego da vírgula são definidas de acordo com a sintaxe e os limites de I, na maior parte dos casos, também são coincidentes às fronteiras sintáticas. No entanto, apesar da constituição do domínio de I estar relacionado à sintaxe, não há, necessariamente, isomorfia entre os limites desses domínios, isto é, há casos em que o constituinte sintático coincide com o prosódico e há casos em que isso não ocorre.

Em relação a esse levantamento das fronteiras prosódicas em textos do EF II, podemos considerar que o tipo de fronteira prosódica, isto é, I ou ϕ , pode preestabelecer o tipo de uso da vírgula, de maneira convencional ou não convencional, dos enunciados produzidos por alunos do 6º e do 9º ano da segunda etapa do ensino básico.

A análise prosódica em fronteiras de frases entoacionais é, de nossa perspectiva, necessária para identificar e entender os critérios fonológicos que motivam o emprego de vírgulas em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental II. Apesar do emprego do sinal de pontuação em questão ser guiado por regras sintáticas, há motivos que influenciam na colocação de vírgulas. Em relação às motivações fonológicas, a colocação da vírgula, de maneira convencional, está ligada à coincidência entre fronteiras sintáticas e prosódicas de frases entoacionais. Já nos empregos não convencionais (ausência e presença), observa-se que o emprego do sinal gráfico ou a ausência dele também coincide com uma fronteira de frase

entoacional. Como, nesses usos não convencionais, não há coincidência entre fronteiras prosódicas e fronteiras sintáticas, os empregos são considerados não convencionais.

Pelo fato de o constituinte frase entoacional referir-se diretamente ao contorno entoacional das sentenças e suas fronteiras finais serem posições que podem ser delimitadas por pausas, esse constituinte prosódico tem relação com o emprego da vírgula. Sendo assim, interpretamos que a organização prosódica dos enunciados tem relação com o emprego de vírgulas em esquema simples.

Após a descrição das recorrências de usos da vírgula em dois períodos distintos do EF II, prosseguimos a complexidade sintática dos dados analisados.

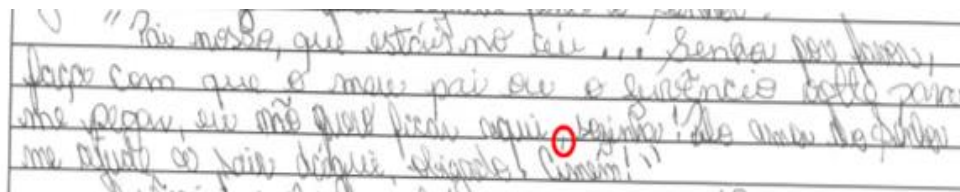
4.2 Complexidade sintática dos dados

Como vimos na seção 3.7, algumas decisões metodológicas foram tomadas ao longo do estudo para classificar dados de vírgulas em esquema simples que, após identificá-los como convencionais ou não convencionais, enfrentávamos dificuldades para classificar a estrutura sintática. Seleccionamos os dados que envolviam tais desafios para a análise quantitativa com o intuito de demonstrar a complexidade sintática envolvida no uso de vírgulas em esquema simples. Cabe explicitar que, no conjunto de textos analisados, alguns dados, mais do que outros, apresentaram uma manifestação mais acentuada de aspectos semântico-pragmáticos para a interpretação dos usos da vírgula, isto é, em alguns dados, a função enunciativa da vírgula será explicitada, como fez Araujo-Chiuchi (2012).

Partimos da problematização metodológica feita na seção anterior para, nesta seção, caracterizar esses dados de modo a demonstrar que certos usos da vírgula têm motivações que vão além da organização sintática e prosódica dos enunciados. Desse modo, caracteriza-se a complexidade do objeto de investigação.

No decorrer do levantamento de dados quantitativos a partir de textos de tipologia narrativa escritos por alunos do EF II, apesar da identificação e da percepção de que o dado atendia ou não à convenção, houve incertezas quanto à classificação sintática de determinadas estruturas. Vejamos os exemplos que geraram dúvidas durante a classificação sintática:

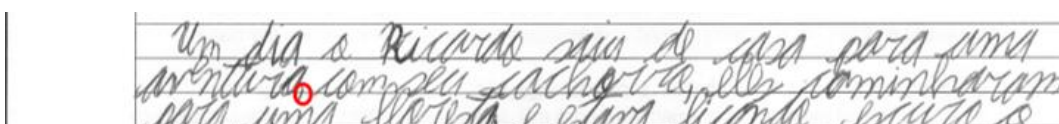
Figura 18. Uso não convencional de vírgula em esquema simples



Fonte: Texto Z08_5E_02F_01

Leitura do trecho analisado: Eu não quero ficar aqui, sozinha

Figura 19. Uso não convencional de vírgula em esquema simples



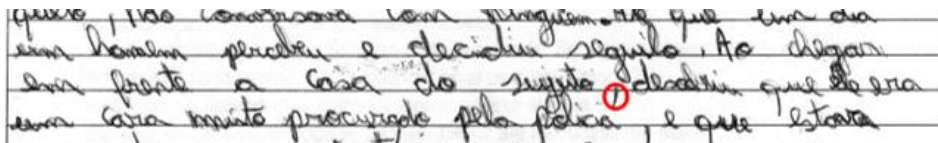
Fonte: Texto Z11_8C_11M_04

Leitura do trecho analisado: Um dia o Ricardo saiu de casa para uma aventura, com seu cachorro

Nesses exemplos, os trechos “eu não quero ficar aqui, sozinha” e “um dia o Ricardo saiu de casa para uma aventura, com seu cachorro” exemplificam estruturas em que há o emprego não convencional de vírgula em esquema simples. Em ambas as estruturas, o sinal de pontuação em questão está sendo utilizado em posições sintáticas que não demandam o emprego do sinal de pontuação por estarem de acordo com a ordem canônica da sentença no português. Interpretamos que essas estruturas foram delimitadas por vírgulas porque detectamos a possibilidade de o aluno ter buscado dar ênfase aos fatos apresentados por considerar essas informações importantes para o seu texto. Sendo assim, observamos que o aluno, ao empregar a vírgula entre determinadas estruturas, não se preocupa em seguir as regras sintáticas, mas ancora-se no sentido que quer transmitir através do enunciado. A vírgula antes dos elementos “sozinha” e “com seu cachorro” manifesta a ênfase dessas informações ao contexto em que estão inseridas. De acordo com Rosa-Silva (2017), esses elementos são definidos como foco não contrastivo já que veiculam, semanticamente, informações relevantes para o contexto em que estão inseridos na medida em que selecionam um conjunto de alternativas do discurso sem estabelecer relação de oposição ou correção entre elas. O escrevente das sentenças acima optou por uma alternativa de informação importante para o contexto da sentença sem negar as demais. Por meio desses exemplos, podemos compreender como a vírgula pode assumir uma função enunciativa em determinadas posições sintáticas, o que pode explicar o emprego não convencional de vírgula em esquema simples entre determinadas estruturas sintáticas.

Além da dificuldade para classificar sintaticamente os dados acima que não atendiam à convenção gramatical, houve incertezas quanto à classificação dos dados que envolviam estruturas deslocadas à esquerda das sentenças. Apesar da identificação e da percepção de que o dado atendia ou não à convenção, as dificuldades estavam relacionadas ao papel semântico-pragmático que a vírgula pode desempenhar em determinadas estruturas sintáticas. Vejamos os exemplos que geraram dúvidas durante a classificação sintática:

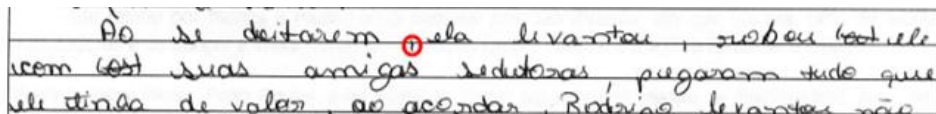
Figura 20. Uso convencional de vírgula em esquema simples



Fonte: Texto Z11_8A_03M_04

Leitura do trecho analisado: “Ao chegar em frente a casa do sujeito, descobriu que ele era um cara muito procurado pela polícia [...]”

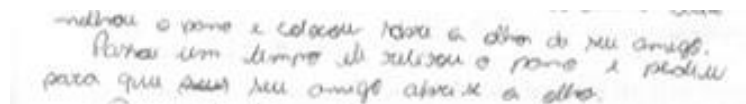
Figura 21. Uso convencional de vírgula em esquema simples



Fonte: Texto Z11_8B_05F_04

Leitura do trecho analisado: “Ao se deitarem, ela levantou”

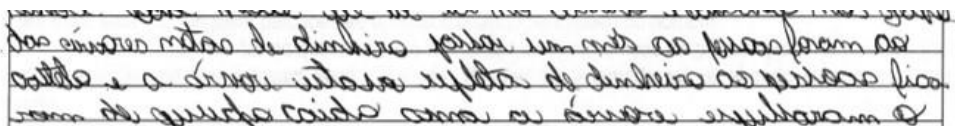
Figura 22. Uso não convencional de vírgula em esquema simples



Fonte: Texto Z11_8B_15F_04

Leitura do trecho analisado: “Passou um tempo ele retirou o pano e pediu para que seu amigo abrisse o olho”

Figura 23. Uso não convencional de vírgula em esquema simples



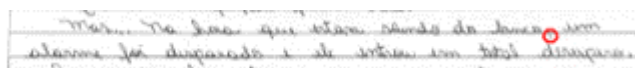
Fonte: Texto Z11_8B_19M_04

Leitura do trecho de análise: “passou um mês as pessoas foram ao castelo e a árvore estava repleta de dinheiro”

No trecho acima, o sintagma “ao chegar em frente a casa do sujeito”, “Ao se deitarem”, “Passou um tempo” e “passou um mês” estão deslocados para a periferia esquerda das

sentenças. Por serem elementos que veiculam, semanticamente, um conjunto de informações relevantes para o contexto em que estão inseridos e por atenderem a uma série de informações solicitadas, são definidos como foco. Essas estruturas são classificadas como deslocamento sintático, fenômeno no qual determinadas estruturas informacionais são deslocadas para o lado esquerdo das sentenças.

Figura 24. Uso convencional de vírgula em esquema simples



Fonte: Texto Z11_8C_21F_04

Leitura do trecho analisado: Na hora que estava saindo do banco, um alarme foi disparado e ele entrou em total desespero.

No trecho acima, o sintagma “Na hora que estava saindo do banco” está deslocado para a periferia esquerda da sentença. Semanticamente, por ser um elemento da frase sobre o qual se faz referência, isto é, no exemplo, por fazer referência a “ele”, e ao qual são concedidas algumas propriedades, é definido como tópico. Essa estrutura é classificada, sintaticamente, como deslocamento à esquerda das sentenças, já que estão deslocadas de suas posições iniciais. A estrutura informacional “tópico”, com função semântico-pragmática, tem a possibilidade de “sofrer” esse fenômeno sintático. Desse modo, o exemplo evidencia a função semântico-pragmática da vírgula em determinadas posições sintáticas.

A principal dificuldade para a classificação dos dados acima está relacionada ao papel semântico-pragmático que a vírgula pode desempenhar em determinadas posições sintáticas. Como as estruturas informacionais “foco” e “tópico” desempenham funções informacionais, a classificação sintática foi possível somente com a compreensão desse papel semântico-pragmático desempenhado pelas estruturas nas sentenças. Nos exemplos, a vírgula teve o papel de possibilitar o deslocamento da estrutura informacional para o lado esquerdo da sentença. Desse modo, pode-se perceber que a vírgula, em certas posições sintáticas, tem um papel semântico-pragmático.

Para solucionar o problema em relação à classificação das estruturas deslocadas, nos embasamos no trabalho de Rosa-Silva (2017). A autora analisa as particularidades semânticas e pragmáticas de enunciados declarativos do Português Brasileiro que apresentam uma estrutura sintática na qual os sintagmas, em diferentes posições, são deslocados para a esquerda das sentenças. Visto a possibilidade de as estruturas informacionais “foco” e “tópico” serem deslocadas sintaticamente para a periferia esquerda dos enunciados, Rosa-Silva (2017) analisa em quais circunstâncias esse fenômeno pode ocorrer.

Para Rosa-Silva (2017), os elementos “tópico” e “foco” são determinados por fenômenos sintáticos, semânticos e pragmáticos e esses conceitos estão relacionados. Além disso, essas estruturas informacionais interagem com fenômenos gramaticais, como: interpretação, entoação, morfologia e outros aspectos sintáticos.

A estrutura informacional “foco” é definida por Rosa-Silva (2017) como um sintagma que atende a uma informação solicitada por uma pergunta e apresenta uma marcação prosódica específica. Semanticamente, o foco veicula um conjunto de alternativas relevantes para o contexto em que está inserido. A autora considera que há dois tipos de foco: o contrastivo e o não contrastivo. O foco contrastivo é representado pelo elemento que responde a uma informação solicitada, apresentando uma negação de pelo menos um das alternativas do contexto e indicando uma relação de oposição ou correção das opções disponíveis; já o foco não contrastivo é representado pelo elemento marcado por uma entonação descendente, que responde a uma pergunta solicitada na qual o falante escolhe uma alternativa entre as disponibilizadas no contexto, sem estabelecer relação de oposição ou correção.

No que diz respeito a outra estrutura informacional, o tópico, Rosa-Silva (2017) o define como um elemento da frase sobre o qual se faz referência e ao qual são concedidas algumas propriedades. A autora também considera que o tópico apresenta dois tipos: o não contrastivo e o contrastivo. O trabalho de Rosa-Silva (2017) considera o tópico não contrastivo como um elemento sobre o que se fala na sentença, no qual é atribuída uma propriedade. Mais especificamente, a função desse elemento é apontar a atenção sobre o que se fala em um determinado contexto. Já o tópico contrastivo é definido pela autora como um elemento que possui marcação prosódica específica, de entonação ascendente, e tem a função de veicular um conjunto de informações relevantes e direcionar para uma estratégia do discurso de responder, de modo parcial ou contrastivo, a uma pergunta.

Os conceitos de “foco” e “tópico”, definidos pela autora, servem de amparo para a análise dos dados que apresentaram manifestação mais acentuada dos aspectos semântico-pragmático e baseiam a explicitação do fenômeno sintático “deslocamento”, já que são estruturas que podem “sofrer” esse processo. Sendo assim, a análise do fenômeno deve perpassar os conceitos apresentados anteriormente.

Para a compreensão de como determinadas estruturas podem mudar de posição nas sentenças, é necessário entender o fenômeno envolvido no processo. De acordo com o trabalho de Rosa-Silva (2017), o deslocamento é considerado um fenômeno sintático em que um sintagma muda para a periferia esquerda da sentença, e sua posição de origem pode ser preenchida por um pronome ou apresentar uma lacuna. Nesse processo, os elementos da

estrutura informacional, tópico e foco, podem ser deslocados para a esquerda das sentenças. Por isso, a importância de compreender os conceitos envolvidos no fenômeno sintático.

Em relação ao deslocamento sintático, Rosa-Silva (2017) assume que o fenômeno estabelece relação entre o elemento que foi deslocado e a propriedade expressa no final da sentença. Ademais, a autora considera o sintagma deslocado como o elemento mais importante para o discurso no momento quando é enunciado. Em relação ao português brasileiro, a pesquisadora observa que qualquer sintagma pode assumir a função de tópico, não só quando estiver na posição de sujeito.

Em seu trabalho, Rosa-Silva (2017) conclui que as estruturas informacionais, foco e tópico, podem ser deslocados para a parte esquerda das sentenças. Ademais, a autora afirma que o deslocamento sintático pode ter os seguintes papéis: de inserir um novo indivíduo no contexto da sentença, com a função de foco deslocado, ou de confirmar o tópico do contexto para atribuir uma propriedade ao final da sentença.

Apesar de não ser um objetivo específico considerado no início da pesquisa, o problema com a classificação sintática foi solucionado por meio da compreensão de que, em alguns dados, os aspectos semântico-pragmáticos são mais salientes nos empregos da vírgula. Desse modo, a partir dos conceitos anteriormente expostos, foi possível classificar sintaticamente as estruturas que apresentaram uma manifestação mais acentuada de aspectos semântico-pragmáticos para a interpretação dos usos da vírgula nesta pesquisa. Finalizado a questão da complexidade sintática de determinados dados, passamos à complexidade prosódica.

4.3 Vírgulas e complexidade prosódica

Na seção anterior, discorremos sobre as características sintáticas e a complexidade para classificar determinadas estruturas sintáticas, já que algumas estruturas, mais do que outras, apresentaram uma manifestação mais acentuada de aspectos semântico-pragmáticos nos usos da vírgula. Nesta seção, passamos a analisar a possível relação entre as estruturas sintáticas com interpretação semântica e as estruturas prosódicas, visto a complexidade do emprego do sinal de pontuação em questão. Essa possível relação pode esclarecer a dificuldade do emprego da vírgula em esquema simples, e, conseqüentemente, o seu uso não convencional em textos escritos por alunos do EF II.

Para o estabelecimento dessa relação entre as estruturas sintáticas com interpretação semântica e as fronteiras prosódicas, consideremos os exemplos de (6) a (9), em que são indicadas as fronteiras de frase entoacional (I) a partir do algoritmo de formação e, em seguida,

a possibilidade de organizar as fronteiras prosódicas a partir do algoritmo de reestruturação desse domínio prosódico.

[Agora] I Ø [está correndo atrás da gente] I
 [chegando lá] I Ø [Maria explicou o que havia acontecido] I
 [Então] I Ø [eles viveram felizes para Sempre] I
 [Quando todos chegaram perto dela] I Ø [ela falou] I

Possibilidade de reestruturação

- 6'. [Agora Ø está correndo atrás da gente] I.
 7'. [chegando lá Ø Maria explicou o que havia acontecido] I.
 8'. [Então Ø eles viveram felizes para Sempre] I.
 9'. [Quando todos chegaram perto dela Ø ela falou] I.

A seguir, faremos a análise prosódica dos exemplos em que as estruturas sintáticas são delimitadas por vírgula. Em (6), a curta extensão do adjunto adverbial de tempo “agora”, formado por três sílabas, favorece a reestruturação com a I que lhe é adjacente “está correndo atrás da gente”, como se observa em (6'). O mesmo se observa no exemplo seguinte: em (7), também é possível a reestruturação da I, a estrutura “chegando lá”, de 4 sílabas, se reestrutura com a I adjacente “Maria explicou o que havia acontecido”, como em (7'). Em (8) o enunciado não delimitado por vírgula (sublinhado) constitui uma I que, dada a sua curta extensão (2 sílabas), é passível de reestruturação, a partir do algoritmo de reestruturação de I, como indicado em (8'). Em (9), a curta extensão da I “ela falou” favorece a reestruturação à I que lhe é adjacente “quando todos chegaram perto dela”. A partir desses exemplos, interpretamos que a ausência de vírgulas se dá onde é possível prever a reestruturação das fronteiras de I.

Dessa análise, verifica-se a complexidade sintática e prosódica do emprego da vírgula em esquema simples, pois se observa que não há, necessariamente, isomorfia entre as fronteiras sintáticas e prosódicas. Apesar de determinadas fronteiras de estruturas sintáticas prever a delimitação por vírgula, se há o processo de reestruturação das fronteiras prosódicas, não há isomorfia entre as estruturas sintáticas e prosódicas. A partir dessas configurações, demonstramos a relevância dos fatores de natureza fonológica, como demonstrado acima, e dos fatores de natureza semântica, que também interferem na complexidade do emprego da vírgula em esquema simples.

Como vimos na seção 4.1, no material de análise selecionado para esta pesquisa, o que prevalece é o uso não convencional de vírgulas em esquema simples. Entre estruturas sintáticas do tipo “adjunto adverbial deslocado”, “oração subordinada adverbial anteposta à principal” e “oração reduzida de gerúndio deslocada à esquerda” prevaleceu o uso de vírgula não convencional pela ausência. Acreditamos que a extensão possui função importante no uso da vírgula para as estruturas em questão. A partir da análise desses dados, consideramos a hipótese de que a não coincidência entre as fronteiras sintáticas com as fronteiras do domínio prosódico I possa ser motivada pelo processo de reestruturação dessas fronteiras prosódicas. Desse modo, com a possibilidade da reestruturação das Is e reorganização dos limites, provavelmente, os alunos deixem de inserir a vírgula na fronteira de I reestruturada (cf. exemplos em 6’, 7’, 8’ e 9’). Isso demonstra que as estruturas subordinadas e deslocadas não tendem a ser identificadas, por parte dos alunos, como uma fronteira sintática e prosódica.

Além da complexidade sintática e prosódica do uso da vírgula em esquema simples, apontadas nos exemplos acima, o emprego não convencional de vírgula em esquema simples em textos escritos por alunos em duas etapas distintas do EF II pode ser motivado pela relação entre a interpretação semântica de determinadas estruturas sintáticas e a estrutura prosódica.

Durante a identificação e classificação dos dados de vírgulas em esquema simples, houve dificuldade para identificar determinadas fronteiras sintáticas. Essa dificuldade pode ser justificada pelo fato de algumas estruturas assumirem uma função semântica nas sentenças, como já mencionado na seção 4.2. Além disso, podemos considerar que a classificação sintática e a interpretação semântica de determinadas estruturas têm relação com as estruturas prosódicas dos enunciados. Por hipótese, consideramos que essa relação entre os três componentes da gramática pode motivar a complexidade e, conseqüentemente, o emprego não convencional de vírgulas em esquema simples em textos escritos por alunos do EF II.

Como visto na seção anterior, algumas estruturas sintáticas, com a função semântica de tópico ou foco, podem ser deslocadas para a periferia esquerda das sentenças. O dado abaixo exemplifica esses deslocamentos sintáticos com função de foco:

(15) [Passou um mês] Ø I [as pessoas foram ao castelo] I [e a árvore estava repleta de dinheiro] I

Possibilidade de reestruturação:

(15') [Passou um mês $\emptyset$ as pessoas foram as castelo] I [e a árvore estava repleta de dinheiro] I

Na sentença acima, o exemplo (15) é um dado classificado sintaticamente como deslocamento já que o elemento “passou um mês”, estrutura sintática deslocada para a periferia esquerda da sentença com a função semântica de foco, visto que veicula uma informação relevante para o contexto em que está inserido e atende às informações solicitadas. No que diz respeito à organização prosódica, segundo o algoritmo de formação proposto por Nespor e Vogel (2007), a estrutura “passou um mês” não faz parte da estrutura raiz, pois são elementos movidos, que saíram da posição de origem. A partir do algoritmo de reestruturação de I, pode-se considerar que a estrutura “passou um mês”, não delimitado por vírgulas (sublinhado) constitui uma I que, dada sua curta extensão (4 sílabas) é passível de reestruturação, como se observa em (15'). Nesse exemplo, a ausência de vírgulas se verifica devido a reestruturação da fronteira de I. A partir desse dado, verifica-se que a relação entre esses fatores, isto é, o deslocamento sintático do elemento de interpretação com função semântica de foco e a formação do algoritmo de IP, resulta, por hipótese, no emprego não convencional de vírgulas em esquema simples pela ausência.

Em conclusão, pode-se interpretar que o emprego de vírgulas em esquema simples em textos de tipologia narrativa escritos por alunos em duas etapas distintas do EF II é motivado pela relação entre as estruturas sintáticas e prosódicas. Em síntese, pode-se afirmar que o aluno, ao empregar a vírgula em textos narrativos, baseia-se não só em critérios sintáticos, mas também em aspectos prosódicos.

Finalizada a descrição semilongitudinal e a análise das características prosódicas e semânticas, passamos às considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo central investigar se, em textos de tipologia narrativa, os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típicas de enunciados falados. Como hipótese, consideramos que há um conjunto de aspectos linguísticos que motivam os diferentes usos da vírgula em esquema simples encontrados em textos de estudantes do EF II, razão pela qual se pode afirmar que os sinais de pontuação possuem um caráter multidimensional, como

Chacon (1998) assume. Neste estudo, priorizamos a investigação de que os usos das vírgulas em textos escritos por alunos do EF II, além de serem orientados pelo funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típicas de enunciados falados.

Como já mencionado, a sintaxe e a prosódia foram consideradas aspectos importantes da análise em questão, já que, assim como a semântica, motivam os empregos de vírgulas em esquema simples. Para tratar da pontuação e sua relação com a prosódia, consideramos a relação entre fala e escrita, proposta por Corrêa (1997). Essa perspectiva assume a constituição da escrita de maneira heterogênea, isto é, marcada pela relação entre o oral e o escrito. Nessa visão, a vírgula, por ser um sinal gráfico, exclusivo da escrita, e mostrar o trânsito dos escreventes por práticas orais/faladas e letradas/escritas é considerada como um sinal desse processo heterogêneo. Desse modo, assumimos a ideia de que há uma relação entre as práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas, e não uma interferência do oral no escrito. A partir da abordagem assumida por Corrêa (1997), procuramos demonstrar como a heterogeneidade constitutiva da escrita faz parte do emprego de vírgulas em esquema simples em textos do EF II, na medida em que esses usos apontam que os estudantes transitam tanto por práticas sociais letradas/escritas, quanto por práticas sociais orais/faladas, supostamente associadas à organização prosódica da língua.

Como o objetivo de investigar se, em textos de tipologia narrativa, os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típicas de enunciados falados, nos embasamos no modelo teórico proposto por Nespor e Vogel (1986), uma vez que a perspectiva considera a constituição da estrutura fonológica a partir da interface entre a sintaxe e a fonologia, já que aquela concede uma série de informações para a formação dos constituintes prosódicos e, conseqüentemente, para a delimitação de suas fronteiras. A investigação quantitativa das fronteiras sintáticas e prosódicas relacionadas ao emprego da vírgula em esquema simples em textos de tipologia narrativa escritos por alunos do EF II levou à divisão dos resultados em duas categorias de análise: convencional e não convencional. Na sequência, é feita uma síntese dos principais resultados encontrados.

Os resultados da comparação dos empregos de vírgulas em esquema simples entre o início (6º ano) e o fim (9º ano) do EF II apontam que a ocorrência de dados não convencionais prevalece nos textos dos alunos. Essa regularidade também é apontada no trabalho de Carvalho (2019), que analisa textos de tipologia relato. O levantamento aponta que no último ano letivo o uso convencional da vírgula (como em “Algumas pessoas acharam estranho,”) aumenta e o

uso não convencional por ausência (como em “Como ele era muito esperto,”) diminui. Interpretamos, com base em Carvalho (2019), que o contato com as práticas letradas e escritas e o avanço da escolarização possam trazer efeitos para as produções textuais dos alunos, como o aumento dos usos convencionais.

No que diz respeito às fronteiras sintáticas, os contextos de enumeração (como em “[...] juntava latinha, papelão, garrafa de refrigerante.”) e coordenação de sentenças (como em “Algumas pessoas acharam estranho, mas outras colaboraram com o rapaz.”) apresentam usos de vírgula em esquema simples de maneira convencional. Essa regularidade vale ser destacada porque se assemelha a resultados de Carvalho (2019). Interpretamos, assim como a autora, que a predominância do emprego convencional entre essas estruturas, já no início (6º ano) do EF II, pode estar relacionada ao contato com práticas letradas/escritas no EF I, isto é, com o fato de essas regras sintáticas terem sido vistas na primeira etapa do ensino fundamental. Os dados descritos a partir de textos de tipologia narrativa corroboram os resultados descritos por Carvalho (2019) a partir de textos de tipologia relato, fazendo-se necessária avançar na investigação para confirmar ou refutar estatisticamente esses achados.

Em relação aos usos não convencionais de vírgulas em esquema simples, o levantamento quantitativo realizado aponta que em contextos sintáticos de subordinação de sentenças e advérbios a tendência é de que os alunos não empreguem o sinal de pontuação em questão. Ainda em consonância com o estudo de Carvalho (2019), que também aborda o fato de o contexto sintático de subordinação de sentenças apresentar a predominância de ausência de vírgulas, consideramos que esses usos podem ser justificados pelo fato dessa estrutura sintática ainda não ter sido trabalhada no início do EF II. Essa consideração, no entanto, carece de um cotejamento entre o conteúdo programático efetivamente ministrado aos alunos em confronto com os usos ora descritos. Entre a estrutura advérbio, o uso não convencional pode estar relacionado ao tamanho da estrutura, isto é, pela possibilidade de poder ser reestruturada em uma única I, e, possivelmente, por fatores semânticos-pragmáticos, na medida em que o aluno não está preocupado em seguir as regras sintáticas, mas em transmitir uma determinada informação a alguém, enfatizando-a.

No que se refere aos usos não convencionais de vírgula em esquema simples pela presença, observamos que os usos são mais recorrentes no início (6º ano) do EF II. Em relação às fronteiras sintáticas, os usos são mais recorrentes em contextos de orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito (como em “[...] o médico atendeu a moça rapidamente, e mandou tirar raio X [...]”) e entre as estruturas sujeito e predicado (como em “Os pais do menino, pensou que ele tinha ido à escola [...]”). Como discutido anteriormente, a análise desses usos em

contextos de orações coordenadas aditivas de mesmo sujeito pode ser baseada no trabalho de Carvalho (2019), na medida em que esses empregos podem estar relacionados ao tamanho da frase entoacional (I) independente e pela possibilidade de reestruturação. Já entre as estruturas sujeito e predicado, nos amparamos no trabalho de Soncin (2014) e consideramos a hipótese de que exista uma relação entre tópico e comentário que é prosodicamente delimitada por contornos entoacionais e, entre essas estruturas, uma pausa é possível de ser realizada, o que pode ser representado por meio de vírgulas no texto do EF II.

Além do levantamento sintático, identificamos, também, as fronteiras prosódicas que poderiam coincidir com a presença ou ausência da vírgula em esquema simples. Os domínios prosódicos frase fonológica e frase entoacional foram considerados relevantes para a análise semi-longitudinal do emprego de vírgulas em esquema simples. Constatamos que, geralmente, no emprego da vírgula de maneira convencional há a coincidência do emprego da vírgula com uma fronteira de I; já nos empregos não convencionais pela ausência e pela presença, geralmente, a fronteira não sinalizada (uso não convencional pela ausência) ou sinalizada (uso não convencional pela presença) pelo sinal gráfico coincide com a fronteira de I.

A partir da correspondência entre o uso da vírgula e as fronteiras de frase entoacional, foi possível notar que algumas motivações prosódicas podem ajudar a explicar o emprego da vírgula em textos escritos por alunos do EF II de maneira não convencional (ausência e presença). Com base em princípios do modelo teórico da Fonologia Prosódica, foi possível verificar que a extensão das estruturas pode possibilitar o processo de reestruturação, e, conseqüentemente, a organização das fronteiras prosódicas. Sendo assim, quanto maior a estrutura, maior a possibilidade dela se separar da estrutura adjacente e formar uma I por si só, sendo, regularmente, marcada na escrita pelo emprego da vírgula. Se a estrutura apresenta uma extensão curta, dificilmente é reconhecida como uma I independente, sendo, então, marcada pela ausência de vírgula. Sendo assim, pode-se interpretar que a ausência de vírgula entre estruturas de curta extensão seja motivada pelo processo de reestruturação, no qual a estrutura curta junta-se à I adjacente.

No que diz respeito aos usos não convencionais pela presença, consideramos a possibilidade de o emprego da vírgula ser motivado pelo processo de reestruturação de estruturas de longa extensão. Desse modo, possivelmente, a fronteira é segmentada com o sinal gráfico pelo fato de os estudantes levarem em conta o tamanho da estrutura e separarem as orações, reestruturando-as em duas Is. Além disso, a relação entre tópico e comentário, no qual uma pausa é possível de ser realizada, possivelmente, pode ser considerada como uma

motivação para o uso não convencional pela presença, na medida em que o emprego estaria ligado à tentativa do estudante em evidenciar uma determinada parte do texto.

Os resultados da pesquisa mostram que o emprego convencional de vírgulas em esquema simples aumenta na etapa final do EF II e as funções de seus usos também. Além disso, a semelhança com o trabalho de Carvalho (2019) para os contextos mais recorrentes do emprego (convencional ou não convencional) de vírgula em esquema simples evidencia a independência quanto à tipologia.

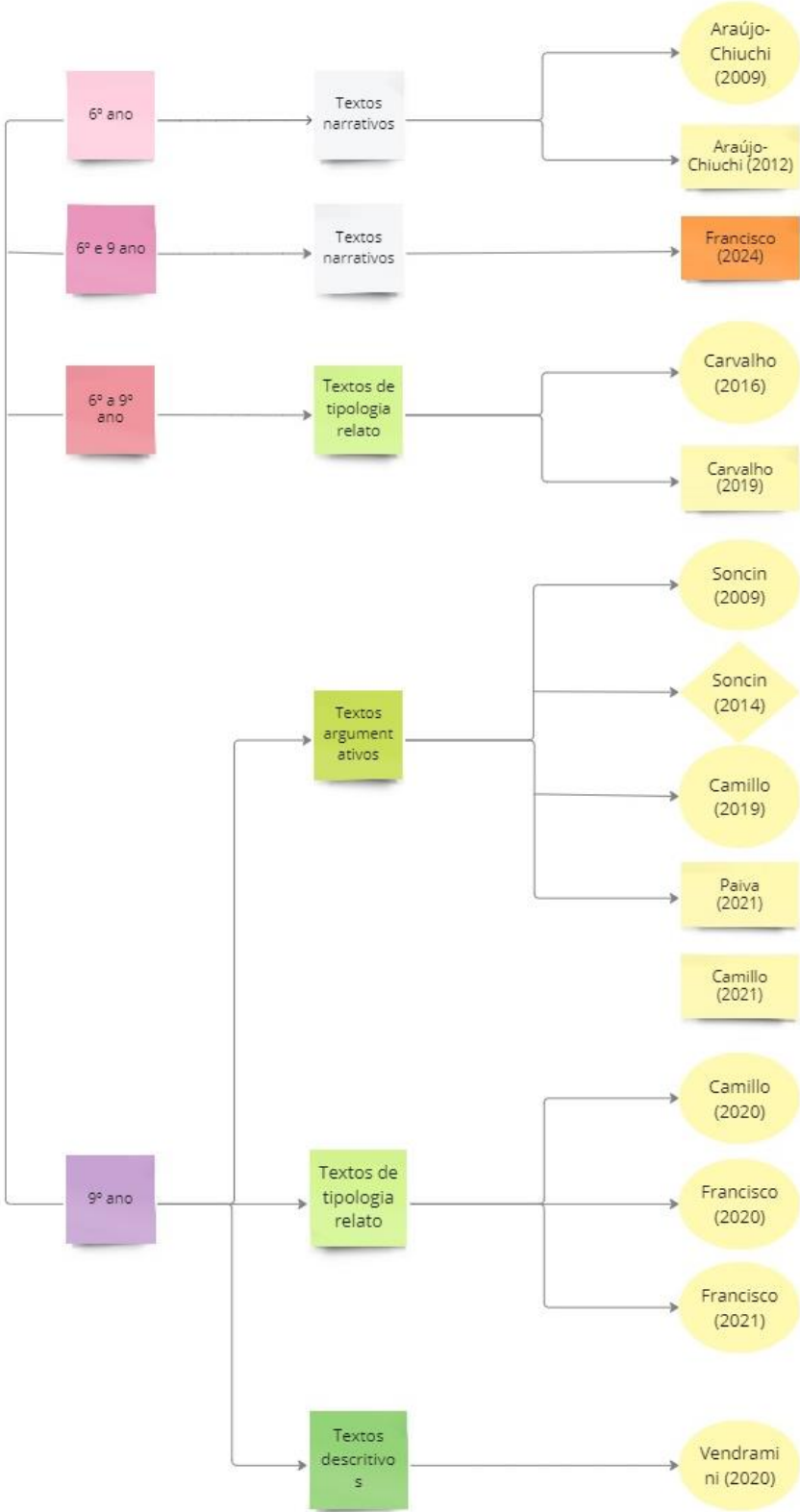
A partir da análise quantitativa e da possível interpretação dos dados levantados, consideramos que, em relação à hipótese da pesquisa, foram encontradas evidências de que a organização prosódica dos enunciados tem relação com o emprego de vírgulas em esquema simples. Pelo fato de a classificação sintática de algumas estruturas ser possível somente após a compreensão do papel semântico-pragmático desempenhado pela vírgula em determinadas posições sintáticas, foram encontrados indícios de que os usos de vírgulas em esquema simples, apesar de serem guiados por aspectos sintáticos, também são motivados por fatores semânticos-pragmáticos. Em síntese, a extensão de determinadas estruturas somada à possibilidade de coincidência entre funções semântico-pragmática da vírgula com fronteiras prosódicas motiva o emprego (convencional ou não convencional) do sinal de pontuação.

Na medida em que propõe investigar se, em textos de tipologia narrativa os usos das vírgulas, além de orientarem o funcionamento da estrutura sintática, podem sinalizar a delimitação de fronteiras prosódicas, típica de enunciados falados, esse trabalho pretende, portanto, avançar nos estudos sobre o tema da pontuação, em especial da vírgula, contribuindo para o desenvolvimento da linha de pesquisa “Oralidade e Letramento” e sobre o entendimento do funcionamento da linguagem, já que ajuda a compor um quadro geral sobre o funcionamento desse fenômeno linguístico no campo dos estudos da linguagem.

Além disso, espera-se que esse estudo contribua, de alguma maneira, com possíveis reflexões sobre o ensino de pontuação no Brasil, a fim de haver modificações em relação ao ensino da pontuação. Com esta pesquisa, demonstramos que a dimensão sintática não é suficiente para compreensão do funcionamento da vírgula, sendo a prosódica informação importante para o entendimento dos empregos descritos. A relevância para apenas um dos aspectos da pontuação faz com que se apague parte da constituição do sinal de pontuação, uma vez que a prosódia é, também, informação importante para os usos da vírgula. Por meio dessa mudança na compreensão do funcionamento das vírgulas, esse estudo, conseqüentemente, poderá auxiliar com o direcionamento dos estudantes à promoção do aprendizado de usos de vírgulas associados a práticas de escrita.

Na sequência, a fim de sistematizar o conjunto de trabalhos com os quais esta pesquisa dialoga, apresentamos um quadro sinóptico, por meio do qual se sumariza o conjunto de trabalhos analisados sob mesma orientação, na mesma linha de pesquisa e com base em um mesmo arcabouço teórico sobre o estudo da vírgula. Sendo assim, esta dissertação possui uma contribuição para o mosaico de estudos que estamos construindo a partir do Banco de Dados de Escrita do EF II. Na primeira coluna (cores em tons róseos), indicamos o ano letivo dos textos sobre os quais há estudo; na segunda coluna (em cores de branco e tons verdes), listamos o gênero textual analisado; na terceira coluna (em amarelo e laranja, para o destaque), organizamos cada referência, informando o nível da pesquisa concluída da seguinte forma: quando iniciação científica usamos o círculo, quando mestrado, o retângulo; quando o doutorado, o losângulo.

Figura 25. Quadro sinóptico sobre o conjunto de trabalhos da mesma linha de pesquisa



Fonte: Elaboração própria

O quadro acima sumariza as pesquisas desenvolvidas sobre o tema, sob a mesma orientação teórico-metodológica. Na medida em que contribui para composição de um quadro geral sobre o funcionamento dos usos das vírgulas, a seleção de textos de tipologia narrativa amplia a caracterização de fenômenos linguísticos observados nos textos do EF II e, por essa característica, também pode ser considerado um trabalho inédito.

Na sumarização acima, observamos que estudos sobre textos narrativos, argumentativos, descritivos e de tipologia relato já foram desenvolvidos por outras pesquisadoras, no qual cada trabalho apresentou o foco de análise em textos retirados de determinados anos letivos do EF II. Por apresentar uma pesquisa sobre textos retirados do 6º e do 9º ano do EF II, de tipologia narrativa, este trabalho torna-se inédito.

Apesar de o estudo em questão abordar características a partir de textos de tipologia narrativa escritos por alunos de anos letivos que ainda não tinham sido observados, essa pesquisa ainda carece de um cotejamento futuro, visto que ainda há aspectos pertinentes para a compreensão das características da vírgula. Uma pesquisa futura sobre a correlação entre o uso da vírgula e a tipologia textual, considerando os anos letivos do 6º ao 9º ano, poderá ser realizada a nível de doutorado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. *Os usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos da quinta série do Ensino Fundamental*. 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto.

ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. *O uso de vírgulas: evidências da heterogeneidade da escrita*. Estudos Linguísticos, 2016 (São Paulo. 1978), 40(2), 488–497. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1312>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CAMILLO, I. A. *Vírgulas em esquema duplo em artigos de opinião do nono ano do Ensino Fundamental II*. 2023.

CARVALHO, T. G. *Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal*. 2019. 173 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2019.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CÔRREA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO: *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. São Paulo: Secretaria de Educação, 2019. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wpcontent/uploads/2023/02/Curriculo_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf. Acesso em: 02 jun. 2021.

DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

ESVAEL, E. V. S. *Pontuação na escrita de universitários: a função enunciativa da vírgula*. 2005. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FRANCISCO, I. *Vírgulas em esquema duplo em relatos de experiência do 9º ano do Ensino Fundamental II*. In: Anais do XXXII Congresso de Iniciação Científica da Unesp. Anais...São Paulo(SP) Online, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/XXXIICICUNESP/282831-VIRGULAS-EM-ESQUEMA-DUPLO-EM-RELATOS-DE-EXPERIENCIA-DO-9-ANO-DO-ENSINO-FUNDAMENTAL-II>. Acesso em: 14 dez. 2023.

FRANCISCO, I.; TENANI, L. E. *Funções da presença de vírgulas em textos do gênero relato..* In: Anais do XXXIII Congresso de Iniciação Científica da Unesp: Agenda 2030 e as Perspectivas da Iniciação Científica da Unesp. Anais...São Paulo(SP) Plataforma virtual: <https://www.even3.com.br/xxxiiicicunesp/>, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/XXXIICICUNESP/448625-FUNCOES-DA-PRESENCA-DE-VIRGULAS-EM-TEXTOS-DO-GENERO-RELATO>. Acesso em: 14 dez. 2023.

GAYER, J. E. L. *Uma breve história dos constituintes prosódicos*. Revista Diadorim, v. 17, n. 2, p.149-172, 2015. [I/proposta_ciclo_I.pdf](#). Acesso em: 10 jan. 2023.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. Globo Livros, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOSAICO, São José do Rio Preto, v. 9, n.1, p. 73-89, 2010. Disponível em: https://www.ibilce.unesp.br/Home/Departamentos/EstudosLingLiterarios/laboratoriodefonetica/artigo_mosaico_geovana_2.pdf. Acesso em: dez. 2023.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology, with a new foreword*. Mouton de Gruyter: Berlin: New York, 2007.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, L. A. M. *Tecendo linguagens: língua portuguesa: 9º ano*. 5. ed. São Paulo: Barueri: IBEP, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando o nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

PAIVA, N. C. *Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano do EFII: aspectos sintáticos e prosódicos*. 2021. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto. 2021. São Paulo: Secretaria de Educação, 2019. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2019/09/curriculo-paulista-26-07.pdf> Acesso em junho 2023.

PIACENTINI, M. T. Q. *Só vírgula: método fácil em vinte lições*. 4ª edição. São Carlos: EdUFSCAR, 2022.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: Língua Portuguesa–ciclo II. Coord. Maria Inês Fini. São Paulo: Secretaria Estadual da Educação, 2008. Disponível em: www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/19/arquivos/Prop_LP_COMP_red_md_20_03.pdf. Acesso em: 20 jun 2021.

ROSA-SILVA, F. *Deslocamento de tópico e foco no português brasileiro: uma análise semântico-pragmática*. 2017. 149f. 2017. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras/Linguística)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SONCIN, G. C. N. *Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!.* 311f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto. 2014.

SONCIN, G. C. N. *Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do ensino fundamental*. Relatório Final da Bolsa de Iniciação Científica da FAPESP (Processo FAPESP: 08/04683-7), 71 f. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2008.

TENANI, L. E.; LONGHIN THOMAZI, S. R. Oficinas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental. *Revista em Extensão* (on-line), v. 13, p. 20-34, 2014. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/viewFile/27049/14678. Acesso em: 12 ago. 2022.

TENANI, L. E. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. [São José do Rio Preto: Unesp/GBD, [2015]. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 10 mar. 2022.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística)- Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, L. E. *Sobre fronteiras: prosódia, escrita e palavras*. Araraquara: Letraria, 2021.

VENDRAMINI, I. F.; TENANI, L. E. *Vírgulas em esquema duplo em textos do gênero enquête..* In: Anais do XXXIII Congresso de Iniciação Científica da Unesp: Agenda 2030 e as Perspectivas da Iniciação Científica da Unesp. Anais...São Paulo(SP) Plataforma virtual: <https://www.even3.com.br/xxxiiicicunesp/>, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/XXXIIICICUNESP/458058-VIRGULA-EM-ESQUEMA-DUPLO-EM-TEXTOS-DO-GENERO-ENQUETE>. Acesso em: 13/12/2023